

Universidades Lusíada

Sá, Patrícia Sofia Almeida Mateus de, 2000-

Estudo da relação entre a ansiedade, os estilos de vinculação, os afetos e os estilos parentais em díade familiar

<http://hdl.handle.net/11067/8872>

Metadados

Data de Publicação

2025

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo compreender a relação da ansiedade parental com afeto e vinculação e desta forma compreender o estilo parental. A amostra foi composta por 60 pares de participantes, constituído por um adulto (cuidador) e a criança sob sua responsabilidade, totalizando 120 pessoas envolvidas no estudo, com média de idades dos adultos de 41.28 anos e as crianças de 10.4 anos. Os instrumentos utilizados em estudo foram, o questionário ansiedade estado e traço (STAIT-T), a esca...

This study aimed to understand the relationship between parental anxiety and affect and attachment, thereby understanding parenting style. The sample consisted of 60 pairs of participants, each consisting of an adult (caregiver) and the child under their care, totaling 120 people involved in the study, with an average age of 41.28 years for adults and 10.4 years for children. The instruments used in the study were the State-Trait Anxiety Inventory (STAIT-T), the Affect Scale (AS), the Parenting ...

Palavras Chave

Pais e Filhos, Ansiedade, Parentalidade

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T21:02:15Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrado em Psicologia Clínica

**Estudo da relação entre a ansiedade, os estilos
de vinculação, os afetos e os estilos parentais
em díade familiar**

Realizado por:

Patrícia Sofia Almeida Mateus de Sá

Orientado por:

Professora Doutora Túlía Rute Maia Cabrita

Constituição do Júri:

Presidente:	Professor Doutor António Martins Fernandes Rebelo
Orientadora:	Professora Doutora Túlía Rute Maia Cabrita
Arguente:	Professora Doutora Ana Daniela Barreto Aleixo

Dissertação aprovada em: 27 de julho de 2026

Lisboa

2025



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

I N S T I T U T O D E P S I C O L O G I A E C I Ê N C I A S D A E D U C A Ç Ã O

Mestrado em Psicologia Clínica

**Estudo da relação entre a ansiedade, os estilos de
vinculação, os afetos e os estilos parentais em
díade familiar**

Patrícia Sofia Almeida Mateus de Sá

Lisboa

Dezembro 2025



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

I N S T I T U T O D E P S I C O L O G I A E C I Ê N C I A S D A E D U C A Ç Ã O

Mestrado em Psicologia Clínica

**Estudo da relação entre a ansiedade, os estilos de
vinculação, os afetos e os estilos parentais em
díade familiar**

Patrícia Sofia Almeida Mateus de Sá

Lisboa

Dezembro 2025

Patrícia Sofia Almeida Mateus de Sá

Estudo da relação entre a ansiedade, os estilos de vinculação, os afetos e os estilos parentais em díade familiar

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Doutora Túlia Rute Maia Cabrita

Lisboa

Dezembro 2025

FICHA TÉCNICA

Autora Patrícia Sofia Almeida Mateus de Sá
Orientadora Prof.^a Doutora Túlía Rute Maia Cabrita
Título Estudo da relação entre a ansiedade, os estilos de vinculação, os afetos e os estilos parentais em díade familiar
Local Lisboa
Ano 2025

CASA DO CONHECIMENTO DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SÁ, Patrícia Sofia Almeida Mateus de, 2000-

Estudo da relação entre a ansiedade, os estilos de vinculação, os afetos e os estilos parentais em díade familiar / Patrícia Sofia Almeida Mateus de Sá ; orientado por Túlía Rute Maia Cabrita. - Lisboa : [s.n.], 2025. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada.

I - CABRITA, Túlía Rute Maia, 1972-

LCSH

1. Pais e filhos
2. Ansiedade
3. Parentalidade
4. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
5. Teses - Portugal - Lisboa

1. Parent and child

2. Anxiety

3. Parenthood

4. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations

5. Dissertations, academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. BF723.P25 S2 2025

AVISO LEGAL

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela. Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

A presente dissertação realizou-se através de muita resiliência para chegar até aqui e o apoio de algumas pessoas importantes e que contribuíram para a sua concretização. Por isso, gostaria de expressar a minha gratidão a todas as pessoas que fizeram parte deste percurso.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais por todo o apoio, incentivo e ajuda constante neste processo, pois sem eles não teria sido possível, por ouvirem-me e apoiarem-me incondicionalmente e por permitirem realizar este percurso tão sinuoso sem nunca duvidaram das minhas capacidades. À minha mãe, por todo o carinho, atenção e horas de conversa. Ao meu pai, por ter sempre a palavra certa e o seu humor inconfundível. Ao meu irmão, pelas palavras de apoio, obrigada a todos vocês, esta caminhada não seria igual sem vocês.

Aos meus avôs, que já não estão cá, sei que estão orgulhosos de mim e que estarão sempre a proteger-me, este percurso também é vosso.

Ao meu namorado agradeço sobretudo pela muita força que me deu mesmo sem ter a consciência de que o estava a fazer, por sempre ter acreditado que seria possível e que iria conseguir, ser o confidente e um melhor amigo, por todas as palavras motivacionais e todo o apoio incondicional, mas acima de tudo por acreditar, às vezes mais do que eu, no meu potencial.

À minha amiga Denise, que em nenhum momento deixou-me ir abaixo nos momentos mais difíceis, sempre se prontificando para encontrar soluções, nunca me deixando desistir, pela paciência inesgotável e pelo apoio tanto a nível académico que foi tão difícil em aturar-me principalmente no *SPSS*, como a nível pessoal nos meus dramas repletos de *stress* e ansiedade. Que seja sempre bem-vindo um lanchinho da tarde para descomprimir.

Ao Miguel, sempre pela palavra amiga no momento certo, pela sua disponibilidade para ouvir e ter sempre uma opinião bem formada para ser dada, pelas conversas sem julgamentos, um muito obrigada.

À Tânia, desde o secundário a partilhar experiências, a seguir quase os mesmos passos. Sempre disponível para dar uma palavra no momento que precisamos.

À minha madrinha de praxe, que sempre me acolheu desde o primeiro dia, sempre disponível para me ajudar seja em momento da vida dela sempre esteve quando precisei, desde a resposta rápida, até ao abraço sem nenhuma palavra.

À minha colega Inês, conhecemo-nos no início do 1º ano do Mestrado e sem dúvidas uma colega-amiga que me ajudou bastante ao longo deste processo, principalmente em conteúdos que implica o uso da estatística.

Sem dúvida, à professora doutora Túlia Cabrita pela sua disponibilidade, pelo seu conhecimento e a sua preocupação durante todo o processo. Estou muito grata por todo o apoio dado, mesmo durante as suas férias esteve presente para que conseguíssemos cumprir com os prazos estipulados, um muito obrigada.

À minha orientadora de estágio, Dra. Paula Maciel, expresso a minha mais profunda gratidão pela orientação generosa, pela disponibilidade constante e pelas valiosas partilhas ao longo de todo o percurso de estágio. O seu conhecimento, profissionalismo e humanidade foram fundamentais para o meu crescimento académico e pessoal. Obrigada por confiar em mim, mesmo nos momentos de maior incerteza, e por me incentivar sempre a ir mais além.

A todos os professores que fizeram parte destes 5 anos e que sem dúvida tanto me ensinaram. Obrigada por todos os momentos de partilha e por todas as experiências partilhadas. Para terminar, agradeço sem dúvida a todas as pessoas, seja família, colegas,

amigas que se cruzaram comigo e que de certa forma me acompanharam neste processo, tornando sem dúvida esta jornada mais leve e positiva.

Por fim, queria agradecer a todos os centros de estudos envolvidos que demonstraram muita dedicação e compromisso para que se conseguisse concluir todos os prazos de entrega por parte dos pais, um obrigado aos centros de estudos que fizeram parte na realização deste estudo.

O meu enorme obrigada.

“Quando mais um indivíduo é compreendido e aceito, maior a tendência tem para abandonar as falsas defesas que encontrou para frequentar a vida e para progredir num caminho construtivo”

Carl Rogers

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo compreender a relação da ansiedade parental com afeto e vinculação e desta forma compreender o estilo parental. A amostra foi composta por 60 pares de participantes, constituído por um adulto (cuidador) e a criança sob sua responsabilidade, totalizando 120 pessoas envolvidas no estudo, com média de idades dos adultos de 41.28 anos e as crianças de 10.4 anos. Os instrumentos utilizados em estudo foram, o *questionário ansiedade estado e traço* (STAIT-T), a *escala do afeto* (EA), a *escala dos estilos parentais* (EMBU-P), a *escala de vinculação* (EVA), o *inventário de ansiedade-estado* (STAI-C), a *escala de afeto* (EA) e a *escala dos estilos parentais* (EMBU-C). Os principais resultados obtidos revelam que a ansiedade-estado dos cuidadores não apresentou efeitos significativos sobre as dimensões de afeto e estilos parentais. Contudo, observou-se que a dimensão afeto–comunicação apresentou um efeito positivo e significativo, demonstrando que cuidadores mais comunicativos e emocionalmente disponíveis tendem a promover relações de vinculação mais seguras. Entre as crianças, verificou-se igualmente que o afeto–comunicação manteve um efeito positivo e que a rejeição paterna apresentou um efeito negativo e significativo sobre a vinculação. De forma global, os resultados apontam para um modelo em que a ansiedade parental exerce um papel indireto, influenciando o afeto e as práticas parentais, que, por sua vez, modulam a qualidade da vinculação. O estudo destaca a relevância da problemática, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das interações entre fatores emocionais, relacionais e contextuais no seio familiar.

Palavras-chave: Ansiedade, Estilos parentais, Vinculação, Afeto.

Abstract

This study aimed to understand the relationship between parental anxiety and affect and attachment, thereby understanding parenting style. The sample consisted of 60 pairs of participants, each consisting of an adult (caregiver) and the child under their care, totaling 120 people involved in the study, with an average age of 41.28 years for adults and 10.4 years for children. The instruments used in the study were the State-Trait Anxiety Inventory (STAIT-T), the Affect Scale (AS), the Parenting Styles Scale (EMBU-P), the Attachment Scale (VAS), the State Anxiety Inventory (STAI-C), the Affect Scale (AS), and the Parenting Styles Scale (EMBU-C). The main results show that caregivers' state anxiety did not have significant effects on the dimensions of affect and parenting styles. However, the affect-communication dimension showed a positive and significant effect, demonstrating that more communicative and emotionally available caregivers tend to promote more secure attachment relationships. Among the children, it was also found that affection and communication maintained a positive effect, while paternal rejection had a significant negative effect on attachment. Overall, the results point to a model in which parental anxiety plays an indirect role, influencing affection and parenting practices, which, in turn, modulate the quality of attachment. The study highlights the relevance of the issue, contributing to a more comprehensive understanding of the interactions between emotional, relational, and contextual factors within the family..

Keywords: Anxiety, Parenting Styles, Attachment, Affection

Lista de Abreviaturas

EA- Escala do Afeto

EA-P- Escala do Afeto (Pais)

EA-F- Escala do Afeto (Filhos)

EMBU-P- Escala de Avaliação dos Estilos Parentais (Pais)

EMBU-C- Escala de Avaliação dos Estilos Parentais (Crianças)

EVA- Escala da Vinculação do Adulto

SPSS- *Statistical Package for the Social Sciences*

STAIT-T- Escala Ansiedade Traço e Ansiedade Estado

Índice

Introdução	14
Enquadramento Teórico	17
Ansiedade Parental	17
Fatores associados à ansiedade parental	19
A vinculação	22
Os estilos parentais	24
Parentalidade.....	27
Os afetos	29
Objetivos	31
Método.....	32
Participantes	32
Instrumentos.....	36
Procedimentos.....	42
Discussão	82
Referências.....	88
Anexos	101

Lista de tabelas

	Páginas
Tabela 1- <i>Características sociodemográficas da amostra dos cuidadores.....</i>	33
Tabela 2- <i>Características sociodemográficas da amostra das crianças.....</i>	34
Tabela 3- <i>Variáveis descritivas referente às variáveis em estudo- Pais.....</i>	44
Tabela 4- <i>Variáveis descritivas referente às variáveis em estudo- Crianças.....</i>	45
Tabela 5- <i>Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica estado-civil.....</i>	46
Tabela 6- <i>Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica estado-civil.....</i>	47
Tabela 7- <i>Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica profissão.....</i>	47
Tabela 8- <i>Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica profissão.....</i>	48
Tabela 9- <i>Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica região.....</i>	49
Tabela 10- <i>Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica número de filhos.....</i>	50
Tabela 11- <i>Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica número de filhos.....</i>	50
Tabela 12- <i>Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica número de filhos.....</i>	51
Tabela 13- <i>Teste à normalidade da variável Ansiedade referente aos pais.....</i>	52
Tabela 14- <i>Análise da variável Ansiedade referente aos pais.....</i>	52

Tabela 15- <i>Análise de comparação das médias da variável Ansiedade referente aos pais.....</i>	53
Tabela 16- <i>Testagem à normalidade da variável Afeto respondente aos pais.....</i>	54
Tabela 17- <i>Análise de comparação das médias das dimensões comunicação da variável afeto referente aos pais.....</i>	54
Tabela 18- <i>Análise de comparação das médias das dimensões comunicação da variável Afeto referente aos pais.....</i>	55
Tabela 19- <i>Testagem à normalidade da variável Estilos Parentais respondente aos pais.....</i>	56
Tabela 20- <i>Análise das dimensões da variável Estilos Parentais referente aos pais.....</i>	56
Tabela 21- <i>Análise de comparação das médias das dimensões comunicação da variável Estilos Parentais referente aos pais.....</i>	57
Tabela 22- <i>Análise da variável vinculação referente aos pais</i>	55
Tabela 23- <i>Análise de comparação das médias das dimensões comunicação da variável estilos Parentais referente aos pais.....</i>	56
Tabela 24- <i>Testagem à normalidade da variável ansiedade referente às crianças.....</i>	57
Tabela 25- <i>Testagem à normalidade da variável Vinculação respondente aos pais.....</i>	58
Tabela 26- <i>Análise da variável Vinculação referente aos pais.....</i>	59
Tabela 27- <i>Análise de comparação das médias das dimensões comunicação da variável Estilos Parentais referente aos pais.....</i>	60
Tabela 28- <i>Testagem à normalidade da variável ansiedade referente às crianças...</i>	61
Tabela 29- <i>Análise de comparação das médias das dimensões comunicação da variável Ansiedade referente às crianças.....</i>	62

Tabela 30- <i>Testagem à normalidade da variável Afetos referente às crianças.....</i>	63
Tabela 31- <i>Análise de comparação da variável Afetos referente às crianças.....</i>	63
Tabela 32- <i>Análise de comparação das médias das dimensões comunicação da variável Afetos referente às crianças.....</i>	64
Tabela 33- <i>Testagem à normalidade da variável Estilos Parentais referentes à percepção das crianças.....</i>	65
Tabela 34- <i>Análise de comparação da variável Estilos Parentais referente à percepção da crianças.....</i>	66
Tabela 35- <i>Análise de comparação das médias das dimensões comunicação da variável Estilos Parentais referente às crianças.....</i>	67
Tabela 36- <i>Análise de associação entre cuidadores e criança da variável Ansiedade.....</i>	68
Tabela 37- <i>Análise de comparação entre cuidadores e criança da variável Afetos.....</i>	69
Tabela 38- <i>Análise de comparação entre cuidadores e criança da variável Estilos Parentais</i>	71
Tabela 39- <i>Análise de comparação entre cuidadores e criança da variável Estilos Parentais.....</i>	73
Tabela 40- <i>Regressão linear continua da dimensão Ansiedade da variável vinculação com os dados sociodemográficos.....</i>	75
Tabela 41- <i>Regressão linear continua da dimensão Ansiedade da variável em estudo Vinculação</i>	76
Tabela 42- <i>Regressão linear continua da dimensão Segurança com os Outros com os outros da variável em estudo Vinculação</i>	76

Tabela 43- <i>Regressão linear continua da dimensão Conforto e Proximidade com os outros da variável em estudo Vinculação.....</i>	78
Tabela 44- <i>Regressão linear continua da dimensão Segurança com os Outros da variável Vinculação com os dados sociodemográficos.....</i>	79
Tabela 45- <i>Regressão linear continua da dimensão Segurança com os Outros com os outros da variável em estudo Vinculação.....</i>	80

Lista de anexos

	Páginas
Anexo 1- <i>Declaração de consentimento informado</i>	107
Anexo 2- <i>Questionário sociodemográfico para pais</i>	108
Anexo 3- <i>Questionário sociodemográfico para os filhos.....</i>	109
Anexo 4- <i>Pedido de autorização para a utilização do Questionário ansiedade Estado e Traço (STAI-T) para pais e para crianças</i>	109
Anexo 5- <i>Pedido de autorização para a utilização do Questionário EMBU-C</i>	110
Anexo 6- <i>Pedido de autorização para escala de Vinculação do adulto</i>	111

Introdução

A parentalidade constitui uma das experiências mais significativas e complexas da vida adulta, envolvendo não apenas responsabilidades práticas, mas também profundas implicações emocionais e psicológicas. Nos últimos anos, as transformações sociais, económicas e culturais têm contribuído para um aumento das exigências e pressões sobre os pais, o que pode repercutir-se na sua saúde mental e na forma como exercem o seu papel parental (Barlow et al., 2016). Desta forma, pode-se compreender que a família é onde se dá a primeira socialização do indivíduo, onde se desenvolve a nível físico, emocional e social (Pratta & Santos, 2007). Pode ser definido de várias formas, não tendo assim uma definição concreta, pois com a evolução do tempo a perspetiva do conceito tem sido alterada (Aboim & Karin, 2002). Segundo Alcarão (2006), considerou que o conceito de família é um lugar onde o indivíduo elabora a sua aprendizagem de forma significativa relativamente aos afetos (Aboim, 2002; Pratta & Santos, 2007).

O autor (Dias, 2016, como citado em Carneiro, 2023), refere que o conceito de família é uma construção cultural que dispõem de uma estruturação psíquica onde cada elemento tem uma função /lugar específico (por exemplo: o lugar de mãe, pai, filho, irmão etc) (Carneiro, 2023).

Segundo Lares Guitiérrez e Rodriguez González (2021), o conceito de família pode ser uma construção de estrutura e símbolos, porém o mesmo é de formal moldável, desta forma a definição de família também vai se alterando (Gutiérrez & González, 2021).

O contexto onde a criança está inserida é muito importante, pois a família com baixo rendimento social, tem mais índices a desencadear traumas psicológicos, devido às dificuldades do meio, bem como uma continuidade de gerações a viver num ambiente mais desfavorecido (Graf et al., 2025; Hedman et al., 2021; Isobel et al., 2018; Lehrner & Yehuda,

2018). Desta forma, pode-se compreender que o ambiente tem uma grande componente que poderá afetar as relações na família (Carneiro, 2023).

Nas últimas décadas, a saúde mental das crianças tem tido uma importância crescente no campo da psicologia, destaca-se o papel central que os contextos familiares desempenham no desenvolvimento emocional e comportamental infantil. Entre os diversos fatores parentais que podem influenciar o ajustamento psicológico da criança, a ansiedade parental tem tido uma relevância e reconhecimento como um potencial fator de risco para dificuldades emocionais e relacionais nas crianças (Kerns et al., 2017).

A literatura científica aponta para a existência de associações consistentes entre a ansiedade dos pais e práticas educativas mais controladoras, com menor responsabilidade emocional e padrões de vinculação inseguros. Contudo, muitos destes estudos centram-se em populações de crianças em idade pré-escolar (entre os 3 aos 6 anos). Esta temática permanece pouco explorada nas idades dos 9 e aos 12 anos, desta forma, traz mais diversidade e pontos de situação diferenciada, pois é um período marcado por significativas transformações cognitivas, emocionais e sociais, em que a autonomia da criança se amplia, mas o suporte e a qualidade da relação com os pais continuam a ser determinantes (Moreira et al., 2020).

Neste sentido, o presente estudo procura dar resposta a estas lacunas, ao propor uma abordagem integrada que analisa simultaneamente a influência da ansiedade parental em três dimensões fundamentais da parentalidade: os estilos de vinculação, os estilos parentais e a expressão de afetos. A escolha da faixa etária entre os 9 e os 12 anos justifica-se pela sua relevância no desenvolvimento de competências emocionais e relacionais, sendo também uma etapa que se consolida padrões de vinculação e estratégias de regulação emocional, muitas vezes influenciados pela postura dos cuidadores. Desta forma, torna-se pertinente

realizar este estudo, pois, atualmente, são cada vez mais comuns devido às múltiplas exigências da vida moderna, a presença de elementos de *stresse* e a ansiedade, devido à pressão sociais, económicas e profissionais muitas vezes relevantes para o aumento da ansiedade nos pais, tornando essencial a investigação de seus efeitos na criação dos filhos. Ao compreender melhor essa relação, torna-se possível promover um ambiente familiar mais equilibrado, favorecendo o bem-estar tanto dos pais quanto das crianças (Hudson & Rapee, 2001).

Enquadramento Teórico

Ansiedade Parental

A ansiedade, segundo a American Psychological Association (APA, 2023), é uma emoção que envolve sentimentos de tensão e preocupação, acompanhados de reações físicas, como o aumento da frequência cardíaca ou da pressão arterial. Quando intensa ou persistente, pode levar a pensamentos repetitivos e intrusivos, à evitação de situações temidas e a sintomas corporais como tremores, tonturas ou sudorese (APA, 2023).

De acordo com o *DSM-5* (American Psychiatric Association, 2022), as perturbações de ansiedade englobam condições marcadas por níveis elevados e persistentes de medo e preocupação, acompanhados de sintomas físicos e comportamentos de evitação. A ansiedade é entendida como uma antecipação apreensiva perante possíveis ameaças futuras, enquanto o medo corresponde a uma reação emocional imediata diante de um perigo percebido. Quando estas respostas se tornam desproporcionais à situação e interferem com o bem-estar e o funcionamento quotidiano, configuram um quadro clínico de ansiedade (American Psychiatric Association, 2022).

Desta forma podemos compreender que a ansiedade é um sentimento muitas vezes sem explicação, por vezes estranho e difícil de descrever sem saber o que esperar, é desagradável e muitas vezes é caracterizado como tensão, muitas vezes através de fatores hereditários, pois desempenham um papel relevante no desenvolvimento da ansiedade, e/ou, fatores psicológicos, podem também estar implicados. Em crianças, a ansiedade influencia o desenvolvimento emocional. Muitas vezes a ansiedade dos pais transfere para os filhos, dificultando assim o seu desenvolvimento emocional, bem como, muitas vezes a criança desenvolve ansiedade patológica (Lopes et al., 2021). A ansiedade estado diz respeito a como o indivíduo gere a sua ansiedade do dia a dia. Contudo a ansiedade traço, é uma característica

mais estável da personalidade. Esta condição pode afetar a forma como os pais percebem as necessidades dos filhos, como interpretam os seus comportamentos e como respondem às exigências do papel parental. Quando elevada, a ansiedade pode comprometer a capacidade dos cuidadores de se manterem emocionalmente disponíveis, consistentes e responsivos, o que pode, por sua vez, prejudicar a qualidade da vinculação a criança (Darling & Steinberg, 1993; Grolnick & Pomerantz, 2009).

A parentalidade é um dos papéis mais exigentes da vida adulta, envolvendo uma multiplicidade de exigências emocionais, cognitivas e comportamentais. O modo como os pais vivenciam e regulam as suas emoções influencia profundamente a forma como se relacionam com os filhos, impactando o desenvolvimento emocional, social e relacional das crianças. Entre os diversos fatores que afetam o exercício da parentalidade, a ansiedade parental assume particular relevância, sendo reconhecida como uma variável com implicações significativas nos estilos de vinculação, no afeto e nos estilos educativos (Nascimento, 2001). Sendo assim, a ansiedade parental, diz respeito à preocupação excessiva e muitas vezes persistente dos pais em relação ao bem-estar dos filhos, tendo em perceção o seu nível de ansiedade, se é ansiedade estado, traço ou até mesmo patológica (Darling & Steinberg, 1993; Grolnick & Pomerantz, 2009).

Fatores associados à Ansiedade Parental

A ansiedade parental pode ser entendida como a presença de sintomas ansiosos nos pais ou cuidadores, que não apenas afetam o bem-estar psicológico destes, como também exercem influência significativa sobre o desenvolvimento emocional e comportamental das crianças. Trata-se de um fenômeno complexo e multidimensional, resultante da interação de fatores biológicos, psicológicos e contextuais, e que se manifesta de forma distinta em cada díade parental-filho (Sharkey, 2008; Hedman et al., 2021).

Vários fatores de risco têm sido identificados e estudados. Entre eles, o histórico psiquiátrico dos pais ocupa lugar de destaque, uma vez que os quadros de ansiedade, depressão ou outras perturbações psicológicas aumentam de forma expressiva a vulnerabilidade da criança ao desenvolvimento de sintomas ansiosos, sobretudo quando ambos os progenitores se encontram afetados. Para além da predisposição biológica, fatores psicossociais como a ausência de suporte social, os conflitos conjugais, a monoparentalidade, a experiência prévia de abuso, as dificuldades financeiras e educacionais, bem como a qualidade global do relacionamento conjugal, constituem condições que ampliam o risco de instalação e manutenção da ansiedade parental. Outro elemento relevante refere-se aos estilos parentais. Práticas caracterizadas por baixa expressão de calor e afeto, atitudes hostis, padrões de superproteção ou envolvimento excessivo estão frequentemente associados a maiores níveis de ansiedade nas crianças. Esse tipo de dinâmica pode restringir a autonomia e a capacidade de regulação emocional dos filhos, contribuindo para a perpetuação de ciclos de insegurança e medo (Graf et al., 2025; Isobel et al., 2018; Lehrner & Yehuda, 2018).

No que diz respeito às manifestações, os sintomas nos pais incluem preocupação excessiva, irritabilidade, dificuldades de sono, sentimento de incapacidade e baixa satisfação no exercício do papel parental. Já nas crianças, observa-se uma prevalência superior de

perturbações de ansiedade, como fobia social, ansiedade generalizada, ataques de pânico e ansiedade de separação. Para além disso, também se identificam sintomas depressivos e desafios relacionados com a regulação emocional, que podem comprometer o ajustamento social e escolar (Graf et al., 2025; Isobel et al., 2018; Lehrner & Yehuda, 2018).

As consequências desse quadro são significativas. Para os filhos, o impacto pode traduzir-se num risco acrescido de desenvolver perturbações de ansiedade e depressão, alterações neuro funcionais, dificuldades de aprendizagem e de inserção social, bem como obstáculos no desenvolvimento emocional. Para os pais, a ansiedade tende a reduzir a expressão de afeto, intensificar comportamentos hostis, diminuir a satisfação com a parentalidade e prejudicar o sentido de eficácia no cuidado dos filhos. Além disso, observa-se um risco elevado de comorbidade com depressão, reforçando a necessidade de olhar para este fenómeno de forma integrada e preventiva (Graf et al., 2025; Isobel et al., 2018; Lehrner & Yehuda, 2018).

Um estudo conduzido por Gustavsson et al (1996), identificou que múltiplos fatores estão associados à predisposição para a ansiedade. Entre estes, destacou-se a dimensão cognitiva e social, que refletiu a tendência para a ansiedade em contextos interpessoais. A dimensão de tensão nervosa e stress, que refletiu um contexto mais biológico que predispõem para a ansiedade (Gustavsson et al., 1996).

A influência da ansiedade parental nos filhos, nos artigos lidos sobre esta temática, observou que tem resultados que sugerem é que existe uma relação entre a ansiedade dos pais e das crianças, de acordo com os autores Kashano, Vaydia, Soltys, Dandoy, Katz e Reid (1990), referiram que existiu um aumento de evidências na ansiedade dos adultos que são existentes na infância do mesmo. Desta forma, observou-se uma relação entre a ansiedade das crianças e a ansiedade dos seus cuidadores. Segundo a autora Lipp (1989), considero que a

vulnerabilidade do indivíduo ao *stress*, estão relacionadas com as características adquiridas durante o desenvolvimento da pessoa, ainda assim, acrescenta que os pais exercem um papel fundamental tanto a nível de hereditariedade, como de fatores a nível de aprendizagens adquiridas através dos pais (Busato et al., 2017).

Ainda assim existem alguns fatores protetores, o que pode contribuir para que as ansiedades dos pais não afetem de forma tão significativa às crianças, essas são: o apoio, a comunicação aberta, o acesso a intervenção psicológica, as rotinas e a prática da auto compaixão (Nascimento, 2001).

Importa ainda considerar os fatores de risco e fatores protetores que influenciam a relação entre a ansiedade parental e as suas consequências. Entre os principais fatores de risco identificam-se a história de vinculação insegura dos pais, sintomas de ansiedade ou depressão não tratados, baixa autoestima, fraco suporte social, stress parental elevado, estilos parentais inconsistentes, e dificuldades emocionais da criança (Almeida, 2023; Martins, 2019).

Por outro lado, destacaram-se como fatores protetores a presença de modelos de vinculação segura, boas competências de autorregulação emocional, acesso a redes de apoio, práticas parentais positivas, boa comunicação emocional com a criança e a existência de outras figuras de apego seguras no contexto familiar ou escolar (Almeida, 2023; Martins, 2019).

A vinculação

A vinculação diverge de opiniões segundo os seus autores sobre o seu conceito, o que reflete diferentes perspectivas teóricas dentro da psicologia e da teoria da vinculação.

Para o autor, Bowlby (1979/1997), fundador da teoria da vinculação, referiu que a vinculação é um processo inato, argumentando que o apego é um comportamento instintivo e evolutivo para que se consiga garantir a sobrevivência do bebé (Papalia et al., 2006; Reebye, 2010).

Desta forma compreende-se que os comportamentos, como chorar, sorrir e agarrar são mecanismos inatos que promovem a proximidade e o cuidado dos cuidadores, pois a procura da proximidade e proteção das figuras cuidadoras e a capacidade de formar vínculos está enraizada nos sistemas biológicos de cada indivíduo (Papalia et al., 2006; Reebye, 2010).

Por outro lado, existem autores que enfatizaram que a vinculação seria como um processo dinâmico que se desenvolve ao longo do tempo. Mary Ainsworth (1989), colaboradora de Bowlby (1989), reforçou a sua visão, tendo em conta, a importância das respostas sensíveis e consistentes dos cuidadores para o desenvolvimento de um apego seguro. Tendo em conta a experiência e a aprendizagem, e mesmo quando esses fatores não são inatos, reforçou ainda que o desenvolvimento também depende das experiências da interação do bebé com o cuidador, o que pode variar amplamente de uma criança para a outra (Papalia et al., 2006; Reebye, 2010).

A teoria da vinculação enfatiza a importância dos vínculos emocionais entre cuidadores e crianças para o desenvolvimento emocional saudável (Follan et al., 2010).

O autor, Bowlby (1979/1997), propôs que os bebés têm uma necessidade inata de formar um apego emocional seguro com os seus cuidadores, o que lhes fornece uma base segura para explorar o mundo (Follan et al., 2010). O psiquiatra e psicanalista britânico, foi o

pioneiro da Teoria da vinculação, propôs que a vinculação tem carácter emocional entre o bebé e o seu cuidador primário é uma necessidade biológica fundamental para a sobrevivência e o desenvolvimento saudável. Argumentou que os bebés têm um impulso inato para procurar proximidade e contato com os seus cuidadores em momentos de *stress* ou desconforto (Bowlby, 1940; Bowlby, 1944).

Por consequente, criou quatro princípios fundamentais: (1) a importância do vínculo inicial onde é reforçado que o vínculo inicial entre uma criança e o seu cuidador (geralmente a mãe) é crucial para o desenvolvimento emocional e social. Esse vínculo é visto como um instinto biológico que ajuda a garantir a sobrevivência da criança; (2) comportamentos de apego - estes comportamentos, como chorar, seguir e agarrar, são exibidos pela criança para manter a proximidade com o cuidador (Bowlby, 1940; Bowlby, 1944). Esses comportamentos são mecanismos de sobrevivência que aumentam a segurança e proteção da criança; (3) base segura - a presença de uma figura de vinculação confiável proporciona uma base segura a partir da qual a criança pode explorar o mundo. Quando se sente ameaçada ou insegura, a criança procura essa figura de vinculação para conforto e proteção e, por fim, (4) modelos internos de funcionamento - os modelos internos de funcionamento são representações mentais das relações de vinculação onde as interações iniciais com os cuidadores levam à formação desses modelos que influenciam as expectativas e comportamentos futuros em outras relações (Bowlby, 1940; Bowlby, 1944).

Os Estilos Parentais

Os estilos parentais, por sua vez, traduzem-se nas práticas educativas e atitudes dos pais face à autoridade, disciplina, comunicação e afeto. Pais ansiosos podem tender a adotar estilos mais autoritários ou permissivos, em detrimento do estilo autoritário, considerando que é o mais promotor de um desenvolvimento equilibrado. Estes padrões são muitas vezes uma resposta à necessidade de controlo ou à dificuldade em lidar com a imprevisibilidade do comportamento infantil (Sanders & Turner, 2005).

Mary Ainsworth (1985), criou a teoria da situação estranha, que é um dos principais métodos utilizados para avaliar a qualidade do apego entre crianças e os seus cuidadores. Desenvolvida em 1970, esta teoria é fundamentada no trabalho anterior de John Bowlby (1969) sobre o apego e destaca-se pela sua abordagem empírica. A mesma tem como objetivo a observação de padrões de vinculação entre mães e filhos. Os principais tipos de vinculação identificados são: (1) Estilo autoritário, está associado ao controle rígido e pouca afetividade. Desta forma, os níveis de ansiedade tendem a ser maiores tanto em pais, como em filhos. Segundo as pesquisas, os pais mais ansiosos tendem a adotar práticas mais restritivas, superprotetoras e menos calorosas; (2) Estilo permissivo que está relacionado ao pouco controle, alta permissividade o que permite que exista mais preocupações, falta de limites e estrutura que pode gerar inseguranças nas crianças, aumentando os sintomas ansiosos; (3) Estilo permissivo, pouco controlo, alta permissividade e relacionado com a maior preocupação, pois requer falta de limites e estrutura, pode gerar inseguranças na criança; (4) Estilo negligente/indiferente, baixa afetividade e controlo, está associado especialmente em contextos de vulnerabilidade, com um maior risco de ansiedade e outros problemas emocionais e (5) Estilo autoritário, alta efetividade e controlo equilibrado, está relacionado a

níveis menores de ansiedade, os pais tendem a conseguir equilibrar o emocional dos seus filhos impondo os limites claros (Ainsworth, 1985; Ainsworth et al., 1978; Ainsworth, 1967).

Pode-se ver essas vertentes através da experiência desenvolvida pela autora, Experiência da Situação Estranha (*Strange Situation Procedure*) é um estudo do ano de 1970 para avaliar a qualidade do apego entre crianças e cuidadores, geralmente a mãe. Essa experiência é uma das metodologias mais importantes e influentes na pesquisa sobre o apego. A mesma consiste numa série de oito episódios que envolvem breves separações e reencontros entre a criança e o cuidador num ambiente desconhecido, geralmente uma sala de laboratório equipada com brinquedos (Ainsworth, 1985; Ainsworth et al., 1978; Ainsworth, 1967).

Nos comportamentos observados durante estes episódios, os pesquisadores observam várias dimensões do comportamento da criança, incluindo (1) exploração, onde existe uma vontade da criança em explorar o ambiente quando a mãe está presente; (2) reação à separação - como a criança reage quando a mãe sai; (3) reação ao estranho - como a criança interage com o estranho na ausência da mãe, (4) reação ao reencontro - como a criança reage quando a mãe retorna (Ainsworth, 1985; Ainsworth et al., 1978; Ainsworth, 1967).

Estas experiências forneceram evidências empíricas fundamentais para a teoria do apego, destacando a importância dos vínculos emocionais na infância e influenciando profundamente a compreensão do desenvolvimento infantil e das relações interpessoais (Ainsworth, 1985; Ainsworth et al., 1978; Ainsworth, 1967).

Na vinculação segura, as crianças sentem-se confiantes de que os seus cuidadores estarão disponíveis para compreender as suas necessidades. Desta forma sempre que são apoiadas e compreendidas voltam a explorar o ambiente com segurança sabendo que têm uma base segura para retornar caso aconteça outra vez algum problema. Na vinculação insegura/

evitante, as crianças aprendem a ser independentes e a não depender dos cuidadores, muitas vezes porque as suas necessidades emocionais são ignoradas ou rejeitadas. Na vinculação ambivalente, as crianças são inseguras sobre a disponibilidade do cuidador e, como resultado, podem ficar muito ansiosas e ter dificuldade em explorar o ambiente. Por fim, na vinculação desorganizada, apresentam comportamentos confusos e contraditórios. Esse tipo de vinculação é frequentemente associado a experiências traumáticas ou cuidadores que são simultaneamente uma fonte de conforto e medo (Marvin et al., 2002).

A Parentalidade

A parentalidade tem por base várias questões necessárias para o desenvolvimento da criança estar dentro dos padrões da normalidade. Desta forma, é importante compreender que existem algumas considerações a nível das capacidades emocionais, sociais e comunicativas que ajudam não só no foro cognitivo e intelectual da criança, bem como irá dar-lhe instrumentos para conseguir lidar com as suas emoções, desafios e resolução de problemas. Para uma parentalidade positiva e um desenvolvimento da criança, acredita-se que o ambiente seguro, estimulante e organizado (Hoghughi, 2004).

É definida como um conjunto de atividades intencionais realizadas por figuras parentais, com o objetivo de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança num ambiente seguro. Estas práticas visam promover a socialização e, gradualmente, aumentar a autonomia da criança (Hoghughi, 2004).

Segundo Hoghughi (2004), a parentalidade estrutura-se em três dimensões fundamentais: atividades parentais, áreas funcionais e pré-requisitos (Hoghughi, 2004).

As atividades parentais, tais como os cuidados físicos, incluem ações que garantem segurança, proteção e satisfação das necessidades básicas, como alimentação e higiene. Os cuidados emocionais, envolvem comportamentos que respeitam e valorizam a criança, criando oportunidades para que esta aprenda a gerir riscos e a tomar decisões de uma forma mais independente (Hoghughi, 2004).

Os cuidados sociais, estão associados à promoção de competências sociais que facilitam a interação e integração da criança nos diferentes contextos em que se insere. As crianças irão adquirir assim a disciplina, referindo que a criança entende o estabelecimento de limites e regras que ajudam a moldar o comportamento da criança, contribuindo para o seu

desenvolvimento moral para que as crianças estejam mais predispostas à exploração e à experimentação, promovendo novas aprendizagens e competências (Hoghughi, 2004).

As áreas funcionais, dizem respeito aos aspetos essenciais do desenvolvimento da criança, tais como a saúde física, o progresso intelectual (incluindo a aquisição de competências académicas), o comportamento social e a saúde mental, englobando pensamentos, emoções e comportamentos, o conhecimento e a compreensão das necessidades da criança. A motivação para desempenhar o papel parental tem a ver com os recursos disponíveis (materiais, emocionais e sociais), traços de personalidade favoráveis e a presença de redes de apoio e tempo de convivência com os filhos (Hoghughi, 2004).

Os Afetos

O afeto, no ponto de vista da aprendizagem, é amplamente aceite por cada um de nós, tanto por indivíduos em geral como por educadores, amigos, família, configurando-se quase como um consenso. Contudo, importa questionar: qual é, de facto, o fundamento desta relação no contexto da explicação da atividade humana e na constituição do conhecimento ou da consciência do sujeito (Gomes, 2008).

Um dos equívocos recorrentes nos problemas que as crianças enfrentam no contexto escolar é a forma como os processos afetivos são compreendidos. Frequentemente estes são associados às experiências vividas na primeira infância, aos traços de personalidade ou à estrutura e dinâmica familiar. Esta abordagem, muitas vezes, pode conduzir à ideia de que essas influências moldam o desenvolvimento intelectual da criança, subestimando a complexidade entre afeto e cognição (Gomes, 2008).

Os afetos positivos e negativos referem-se à forma como as pessoas experienciam emocionalmente o dia a dia, sendo assim avaliados como base a frequência e a intensidade dessas emoções. Para compreender esse facto, é necessário recorrer a instrumentos psicométricos validados, como questionários e escalas específicas. O indivíduo que apresenta pontuações mais elevadas nestas medidas tendem a viver com mais emoção e de forma mais intensa frequentemente. Contudo, os indivíduos que pontuam de forma mais baixa, tendem a relatar sentimentos mais negativos, como desânimo ou até mesmo preocupação de forma a ser mais persistente. Assim, os níveis elevados de afeto negativo estão associados a uma maior sensibilidade emocional e vulnerabilidade. Desta forma, compreende-se que os indivíduos que tem afetos positivos, tendem a viver com menos preocupação e menos persistente. Estes aspetos provem de questões centrais como o bem-estar e estão interligados com traços da personalidade (Lyubomirsky et al., 2005; Watson, 2005).

Em forma de conclusão referente à revisão da literatura podemos compreender que, existem algumas lacunas e limitações no que diz respeito ao tema, pois a literatura mostra associações entre os estilos parentais, os estilos de vinculação e do afeto, porém, ainda existe algumas lacunas como o foco restrito em dimensões específicas, ou seja, muitos estudos analisam apenas a ansiedade ou a vinculação, sem explorar as diferentes formas de ansiedade parental. A maioria das investigações utiliza desenhos transversais, dificultando a compreensão das relações causais e da evolução ao longo do tempo entre a ansiedade parental, a vinculação e práticas parentais. Existem poucas pesquisas focadas no afeto parental, como uma expressão emocional positiva. A influência de fatores contextuais e culturais, pois estudos mostram que a cultura e a estrutura familiar e o seu ambiente (Ex: desorganização, falta de comunicação, falta de projetos ou planos futuros), podem moderar as relações entre a ansiedade e a vinculação. Muitos estudos apenas focam-se nas mães, cumprindo o papel dos pais e utilizam amostras pequenas ou um pouco diversas, limitando assim à generalização (An & Kochanska; Bahmani et al., 2022; Kim et al., 2021; Zvara et al., 2020; Weber et al., 2003).

Desta forma, é importante avaliar as lacunas e limitações de cada estudo para poder haver mais avanços nas investigações (An & Kochanska; Bahmani et al., 2022; Kim et al., 2021; Zvara et al., 2020).

Objetivos

O presente estudo tem como objetivo, compreender de que forma a ansiedade parental se relaciona como o afeto e a vinculação e desta forma compreender o estilo parental, ainda assim tendo como, relevância para a saúde mental familiar como um todo. Compreendendo assim, como a ansiedade relacionada à parentalidade pode contribuir para o desenvolvimento afetivo da criança. Esse conhecimento pode servir de base para a criação de programas de apoio psicológico e educativo voltados para famílias. Como objetivos específicos são: (1) Caracterizar os níveis de ansiedade parental; (2) Identificar os estilos de vinculação; (3) Compreender os estilos parentais; (4) Compreender os afetos; (5) verificar de que forma a ansiedade parental se relaciona com a vinculação, os afetos e os estilos parentais.

A dissertação irá ser dividida em duas partes, que estará organizada pela seguinte forma, a primeira parte, a introdução e revisão da literatura e por fim, a metodologia, os resultados e a discussão.

Método

Participantes (Cuidadores)

A amostra foi composta por 60 pares de participantes, correspondendo a cada entrada da base de dados um par constituído por um adulto (cuidador) e uma criança sob sua responsabilidade, totalizando 120 pessoas envolvidas no estudo. A amostragem de conveniência, tendo os questionários sido distribuídos em quatro centros de estudos da Área Metropolitana de Lisboa.

Da totalidade da amostra, 60 adultos apresentaram dados válidos em pelo menos uma das variáveis principais do estudo. Entre estes, (68,33%) eram mães ($n = 40$), (31, 70%) pais ($n = 20$). A média de idades dos adultos era de 41,28 anos, com idades compreendidas entre os 22 e os 66 anos.

No que diz respeito à nacionalidade, 100% dos participantes são portugueses. Relativamente ao nível de escolaridade dos adultos, 46,67% possuíam ensino superior, 31,7% tinham o 12.º ano completo e os restantes apresentavam níveis escolares, ao 9º ano (13,3 %), ao 8º ano (1,7%), ao 6º ano (3,3%) e 4º ano (3,4%).

No que concerne à profissão dos adultos, (11,7%) eram trabalhadores qualificados, (30%) eram trabalhadores de serviços e comércio, (35%) técnicos ou profissionais intermédios e (18,3%) operários ou trabalhadores manuais. Apenas 3,3% eram estudantes ou desempregados. Os participantes estavam distribuídos maioritariamente pelo concelho de Sintra (61,7%), seguido por Lisboa (15%) e outros como, concelhos de Oeiras (5%), concelho da Amadora (5%), concelho de Setúbal (1,7%), concelho do barreiro (8,3%), concelho de Almada (1,7%) e o concelho da Moita (1,7%).

No que diz respeito a viver junto, os adultos responderam sim (93%) e não (6,6%).

Tabela 1*Características sociodemográficas da amostra dos cuidadores*

	n	%	M	DP	Min.	Max.
Cuidadores			1.35	0.51	1	2
Mãe	40	68.33				
Pai	20	31.70				
Idade			41.53	8.6	22	66
(22 - 29)	9	10				
(30 - 39)	29	32.6				
(40 - 49)	29	32.6				
(50 - 58)	17	19				
(66)	1	1.1				
Nacionalidade			1.00	0.00	1	1
Portuguesa	60	100.00				
Estado civil			2.33	0.655	1	1
Solteiro/a	5	8.3				
Casado/a	34	56.7				
Divorciado/a	19	31.7				
Viúvo/a	2	3.3				
Nível de escolaridade			7.97	1.63	1	7
4º ano	2	3.4				
6º ano	2	3.3				
8º ano	1	1.7				
9º ano	8	13.3				
12º ano	19	31.7				
Ensino Superior	28	46.7				
Profissão			2.78	1.47	1	6
Profissionais qualificados	7	11.7				
Técnicos e profissionais intermédios	21	35.0				
Trabalhadores de serviços e comércio	18	30.0				
Operários e trabalhadores manuais	11	18.3				
Desempregados	2	3.3				
Reformados	1	1.7				
Região			2.07	1.92	1	9
Concelho de Sintra	37	61.7				
Concelho de Lisboa	9	15.0				
Concelho de Oeiras	3	5.0				
Concelho da Amadora	3	5.0				
Concelho de Setúbal	1	1.7				
Concelho do Barreiro	5	8.3				
Concelho de Almada	1	1.7				
Concelho da Moita	1	1.7				
Vive junto						
Sim	57	93.4				
Não	3	6.6				

	n	%	M	DP	Min.	Max.
Número de filhos						
1	28	45.9				
2	27	44.3				
3	5	9.8				
Ordem de irmãos						
Filho único	31	50.8				
Primeiro	22	36.1				
Segundo	6	9.8				
Terceiro	1	3.2				

Nota: **(1) Profissionais qualificados** (ex: médicos, engenheiros, professores universitários); **(2) Técnicos e profissionais intermédios** (ex: técnicos de saúde, administrativos, professores do ensino básico/secundário); **(3) Trabalhadores de serviços e comércio** (ex: empregados de mesa, vendedores, cabeleireiros); **(4) Operários e trabalhadores manuais** (ex: construção civil, mecânicos, motoristas).

Participantes (Crianças)

Na totalidade da amostra, 60 crianças apresentaram dados válidos em pelo menos uma das variáveis principais do estudo. Quanto ao gênero, 45 % eram rapazes e 55 % raparigas. A média de idades das crianças era de 10,40 anos, com idades entre os 9 e os 12 anos. As crianças frequentavam o 5.º ano (44,3 %), o 6.º ano (31,1 %), o 7º ano (24,5 %). As variáveis de contexto familiar indicam que (88,33%) das crianças viviam com a mãe, (68,3%) com o pai, com os irmãos (41,7%), a avó (10%), com o avô (6,7%).

Na pergunta com quem vive foi respondido pela criança, com a mãe (88%), com o pai (68,3%), com o irmão (41,7%), com a irmã (36,7%), com avó (10%) e com o avô (6,7%).

Tabela 2

Características sociodemográficas da amostra das crianças

	n	%	M	DP	Min.	Max.
Sexo			1.55	0.5	1	2
Feminino	33	55.0				
Masculino	27	45.0				
Idade			10.27	1.84	1	12
(9 -10)	30	50.0				
(11 -12)	30	50.0				
Nível de escolaridade			1.87	0.92	1	5
5ºano	27	44.3				
6ºano	19	31.1				
7ºano	14	24.5				
Com quem vive						
Mãe	53	88.3	1.85	-	1	5
Pai	41	68.3	1.32	-	1	2
Irmão	25	41.7	1.58	-	1	2
Irmã	22	36.7	1.63	-	1	2
Avó	6	10.00	1.90	-	1	2
Avô	4	6.7	1.93	-	1	2

Instrumentos

Foram aplicadas duas baterias de instrumentos, uma dirigida às crianças e outra aos respectivos cuidadores (adultos). Esta justifica-se pela natureza das variáveis em estudo, que exigem a recolha de dados diretamente de ambos os elementos da díade parental-filho. A avaliação das crianças permitiu aceder a perceções sobre os estilos de vinculação, afetividade e perceção dos estilos parentais, enquanto a bateria aplicada aos adultos teve como principal objetivo avaliar os níveis de ansiedade parental e os estilos educativos praticados. Esta abordagem metodológica permite uma compreensão mais completa e integrada das dinâmicas relacionais entre pais e filhos, possibilitando a análise da influência das características parentais nos modelos de vinculação e no desenvolvimento emocional das crianças.

Instrumentos aplicados aos cuidadores

(1) O questionário sociodemográfico, foi preenchido pelos cuidadores e teve como objetivo principal recolher informações a nível sociodemográfico, sobre os participantes. O questionário sociodemográfico dos pais pretende recolher informações em relação a idade, a nacionalidade, estado civil, o nível de escolaridade, profissão, número do agregado familiar e por fim em que região vive, o mesmo pode ser consultado no anexo 2 da página 99.

(2) *O questionário ansiedade estado* (STAIT-T), (Versão original de Spiellerger, 1983; Versão adaptada para português- Santos & Silva, 1997), permite avaliar a ansiedade-estado (como a pessoa se sente habitualmente). Irá ser utilizado uma adaptação para crianças. A cotação deste questionário resume-se ao somatório dos 20 itens de cada escala, obtendo assim scores individuais para cada dimensão (Santos & Silva, 1997). Este questionário sofreu um processo de tradução, o mesmo sofreu por três processos. Inicialmente passou por uma tradução independente para espanhol e para a língua portuguesa, de seguida sofreu alguns

ajustes devido a comparações à versão original e por fim a prova foi aplicada a 15 crianças para compreender se apenas a tradução do instrumento iria resultar com a população portuguesa. Os valores de *Alpha* 24 de *Cronbach* superiores a .70, para os rapazes e os valores de *Alpha* .22 de *Cronbach* a .58, para as raparigas, tendo assim um total de valores de *Alpha* .31 de *Cronbach* a .65 (Canavarro, 1996).

(3) *A escala do afeto* (EA) (Versão portuguesa-Henriques & Corte-Real, 2012), a escala consegue avaliar duas dimensões como afeto-comunicação e a crítica-rejeição. É composta por 19 itens e a cotação do mesmo é de um score individual, isto é a soma de cada dimensão. A versão original é composta, por 20 itens e mede, numa escala do tipo *Likert* de 5 pontos, a relação entre pais e filhos, em dois fatores: “Afeto e Comunicação” e “Crítica e Rejeição”, dos pais em relação aos seus filhos, e dos filhos em relação aos pais. Na versão traduzida, a Escala do Afeto é composta por 19 itens, uma vez que o item 16 da Escala original (“Estou contente de tê-lo como filho/a” e “A minha mãe/o meu pai estão contentes por me ter como filho/a”) não foi incluído, pois a equipa de investigação considerou que estes seriam propensos a uma elevada desejabilidade social. Os fatores das versões de pais e dos filhos apresentaram valores adequados de consistência interna, sendo todos os valores de *Alpha* .12 de *Cronbach* superiores a .70, exceto no fator Crítica-Rejeição da EA-P (.66). De igual modo, o estudo original reporta validade convergente na comparação entre os resultados da EA-F com as versões de mães e de pais da EA-P ($r > .71$) (Martins, 2021).

(4) *A escala dos estilos parentais* (EMBU-P), este instrumento foi desenvolvido originalmente em espanhol, atualmente validada e traduzida para a população portuguesa (Versão original de Perris, Jacobsson, Lindstrom, von Knorring, & Perris, 1980; versão portuguesa de Canavarro, 1996, 1999). Nesta escala iremos conseguir avaliar três dimensões:

o suporte social (14 itens) que é constituído pela expressão verbal e física de suporte afetivo por parte dos pais e a aceitação parental e a disponibilidade física e psicológica dos pais; a rejeição (17 itens) que se manifesta através da hostilidade/agressão verbal, física e a não-aceitação da crianças e tentativa de controlo (11 itens) que descreve as intenções e as ações dos pais que visam controlar o comportamento das crianças, manifestações de exigência e preocupações com o bem-estar da criança. A cotação desta prova, realiza-se através da soma de cada dimensão, obtendo assim o *score* individual. Os valores de *Alfa* de *Cronbach* estão entre o .15 e .82 (Canavarro, 1996).

Alfa de cronbach de cada dimensão da escala suporte social tem o valor de (- 0.83); Rejeição (-1.66) e tentativa de controlo (0.39). Tendo assim um Alfa Cronbach de todas as escalas de 0.76.

(5) A *escala de vinculação* (EVA), (Versão original Collins & Read, 1990), (Versão adaptada portuguesa de Canavarro, 1997), tem como objetivo avaliar o vínculo do adulto. Serão avaliadas três dimensões: a ansiedade, contacto com a proximidade e confiança nos outros. A cotação desta prova, será a soma de cada dimensão tendo assim um *score* individual. Esta escala teve numa fase inicial 15 itens sendo adicionadas mais 6 novos itens e posterior mais 3 novos itens, ficando assim com um total de 24 itens. De seguida, numa segunda fase, ficou apenas com 18 itens, pois foi retirado devido a um estudo psicométrico realizado. Ficando assim a escala traduzida apenas com 18 itens. Os autores apontam índices de razoável fiabilidade para a escala, referindo *Alpha* de *Cronbach* para as três dimensões (0.75, para a dimensão *Depend*; 0.72, para a dimensão *Anxiety* e 0.69, para a dimensão *Close*). Para um período de dois meses, uma estabilidade temporal de $r = 0.52$, para a subescala *Anxiety*, $r = 0.68$ para a subescala *Close* e $r = 0.71$ para a subescala *Depend*. O

ponto de corte da escala são: Seguro: Conforto-Confiança > 3 e Ansiedade < 3 ; Preocupado: Conforto-Confiança > 3 e Ansiedade > 3 ; Desligado: Conforto-Confiança < 3 e Ansiedade < 3 ; Amedrontado: Conforto-Confiança < 3 e Ansiedade > 3 . (Canavarro et al., 2006).

Alfa de cronbach de cada dimensão da escala vinculação tem o valor de (-0.83) ansiedade; (-1.66) Conforto com a proximidade e (0.02) segurança com os outros. Tendo assim um Alfa Cronbach de todas as escalas de -1.31.

Instrumentos aplicados às crianças

(1) O questionário sociodemográfico, foi preenchido, pelos filhos e tem como objetivo principal recolher informações a nível sociodemográfico, sobre as crianças, onde consta as seguintes perguntas: o sexo da criança, a idade, o seu nível de escolaridade, com quem vive, pode ser observado no anexo 3 na página 100.

(2) O *inventário de ansiedade-estado* (STAI-C), (Versão original de Spielberger, 1983; Versão adaptada para português- Santos & Silva, 1997), tem como objetivo avaliar os níveis de ansiedade- estado da criança com idades compreendidas entre os 8 e os 17 anos. É um inventário que estuda como a criança se sente naquele momento. Cada item tem três possibilidades de resposta (que responde a 1,2 ou 3 pontos). a cada pontuação da escala varia entre 20 e 60 pontos. Os itens são pontuados de 1 a 3, correspondendo 1 ponto a ausência de ansiedade e 3 pontos a presença acentuada. Para identificar o total da ansiedade, terá de se realizar o somatório dos pontos (20 itens) (Canavarro, 1996).

(3) A *escala de afeto* (EA) (Fuentes et al., 1999), Escala do Afeto, de Fuentes e colaboradores (1999), foi traduzida para a população portuguesa por Henriques e Corte-Real (2012), a escala está direcionada a crianças dos 6 anos aos 18 anos. A mesma inclui duas

versões. Realizaram-se duas traduções de espanhol para português por tradutores independentes, seguindo-se a retroversão realizada por uma psicóloga espanhola e fluente na língua portuguesa. Cada versão é composta por 20 itens, e mede, numa escala do tipo *Likert* de 5 pontos, a relação entre pais e filhos, em dois fatores: “Afeto e Comunicação” e “Crítica e Rejeição”, dos pais em relação aos seus filhos, e dos filhos em relação aos pais. O fator Afeto-Comunicação (AC) mede o afeto, o interesse e a comunicação que os pais manifestam aos seus filhos e o fator Crítica-Rejeição (CR) avalia a crítica, a rejeição e a falta de confiança dos pais em relação aos seus filhos. Cada uma das versões permite calcular um score global, obtido através da subtração dos fatores Afeto-Comunicação e Crítica-Rejeição, que determina o tipo de afeto preponderante na relação. Os valores adequados de consistência interna, sendo todos os valores de *Alpha 12* de *Cronbach* superiores a .70, exceto no fator Crítica-Rejeição da EA-P (.66). De igual modo, o estudo original reporta validade convergente na comparação entre os resultados de EA-F com as versões de mães e de pais da EA-P ($r > .71$). Os coeficientes de fidelidade foram considerados aceitáveis para a subescala Afeto-Comunicação (.85) e Crítica-Rejeição (.75) na versão preenchida pelos filhos (Martins, 2021).

(4) A *escala dos estilos parentais* (EMBU-C) este instrumento foi desenvolvido originalmente em espanhol, atualmente validada e traduzida para a população portuguesa (Versão original de Perris, Jacobsson, Lindstrom, von Knorring, & Perris, 1980; versão portuguesa de Canavarro, 1996, 1999). Tem por objetivo avaliar a percepção das crianças da frequência com que sucederam determinadas práticas educativas parentais, em relação ao pai e à mãe separadamente. A versão portuguesa é composta por 32 itens cotados numa escala tipo *Likert* em 4 pontos (1- Não nunca, 2- Sim, às vezes, 3- Sim, frequentemente, 4- Sim, sempre). Esta escala destina-se a crianças em idade escolar (7 aos 12 anos). Para cada item a

cotação varia de 1 a 4 valores. A cotação para cada uma das escalas é feita somando a cotação dos itens que pertencem a cada das escalas: suporte emocional (14 itens); rejeição (8 itens) e Tentativa de controlo (10 itens). Os autores apontam índices de razoável fiabilidade para a escala, referindo *Alpha* de *Cronbach* para as três dimensões, referente ao pai (0.85 para a dimensão suporte emocional; 0.62 para a dimensão rejeição e 0.65 para a dimensão tentativa de controlo), referente à mãe (0.83 para a dimensão suporte emocional; 0.63 para a dimensão rejeição e 0.56 para a dimensão tentativa de controlo) (Canavarro, 1996).

Alfa de cronbach de cada dimensão da escala suporte emocional (mãe) tem o valor de (0.89); Suporte emocional (pai) (0.82); rejeição (mãe) (0.82); rejeição (pai) (0.82); tentativa de controlo (mãe) (0.84) e tentativa controlo (pai) (0.83). Tendo assim um Alfa Cronbach de todas as escalas de 0.87.

Procedimentos

A recolha de dados foi realizada com o apoio de quatro centros de estudos da Área Metropolitana de Lisboa, com enfoque particular na denominada linha de Sintra, que colaboraram na distribuição dos questionários junto dos pares de participantes (pais/mãe e criança). Após autorização por parte das direções das instituições, os questionários foram disponibilizados em formato papel, acompanhados do respetivo consentimento informado escrito, o qual teve de ser previamente assinado pelos encarregados de educação das crianças. A administração dos questionários foi feita de forma autónoma, em contexto informal e fora da presença direta da equipa de investigação. A entrega, recolha e eventual esclarecimento de dúvidas foram garantidos através dos dados da mestrandia, disponibilizados no formulário de consentimento informado.

Foram garantidos o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos, e todos os participantes foram informados de que a sua participação era voluntária e que poderiam desistir a qualquer momento da mesma. O procedimento adota seguiu os princípios éticos da investigação em Psicologia, conforme plasmado no Código deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses (Ordem dos Psicólogos Portugueses [OPP], 2024).

Para o tratamento de dados, toda a análise estatística foi conduzida no software *IMB SPSS* (29.0.1.0). A preparação dos dados incluiu a verificação de valores ausentes (*missing values*) nas variáveis dependentes antes de qualquer cálculo. Para todas as escalas com múltiplos itens, foram criadas variáveis compostas através da média das dimensões específicas, exceto nos casos das escalas de ansiedade, em que foi utilizado o somatório dos itens, conforme as instruções dos autores nos estudos psicométricos das mesmas (Santos & Silva, 1997).

Para alcançar o objetivo do estudo, optou-se pela utilização de uma metodologia quantitativa, para isso utilizou-se o teste Kruskal- Wallis, pois o mesmo é adequado para comparar mais de dois grupos independente quando a variável dependente é contínua ou ordinal, desta forma, permitiu verificar se há diferenças significativas entre qualquer grupo

O teste de U de Mann- Whitney, pois é um teste não paramétrico usado para comparar duas amostras independentes quando a variável dependente é contínua ou ordinal e não assume a normalidade.

O teste de Kolmogorov-Smirnov foi aplicado para avaliar a normalidade da distribuição das variáveis contínuas, permitindo determinar se os dados seguiam ou não uma distribuição normal. A verificação da normalidade é um passo essencial para a escolha dos testes estatísticos mais adequados, distinguindo entre análises paramétricas e não paramétricas.

Por fim, recorreu-se à regressão linear com o objetivo de analisar o poder preditivo (refere-se à habilidade de uma variável em prever ou explicar o comportamento de outra variável independente e dependente), permitindo compreender de que forma a variável ansiedade parental influenciam os estilos de vinculação, o afeto e os estilos parentais. Esta análise possibilitou identificar se existe uma relação direta, ou seja, este tipo de análise mede o quanto cada variável influencia.

Resultados

Resultados das estatísticas descritivas das variáveis em estudo

Tabela 3

Variáveis descritivas referente às variáveis em estudo- Pais

	Min.	Max.	Média	Desvio Padrão	Assimetria	Curtose
Ansiedade estado	20.00	80.00	49.95	14.70	0.02	0.21
Afeto						
Critica Rejeição	1.00	5.00	2.90	1.36	0.12	-1.48
Comunicação	2.87	5.00	4.28	0.64	-0.76	-0.23
Estilos parentais						
Suporte social	2.00	4.00	3.36	0.57	-0.88	-0.00
Rejeição	1.00	4.00	2.57	0.94	0.18	-1.32
Tentativa de controlo	1.91	4.00	3.03	0.61	0.152	-1.02
Vinculação						
Ansiedade	1.00	5.00	2.84	1.19	0.31	-0.94
Confiança com a proximidade	2.00	4.83	3.36	0.53	0.28	0.93
Segurança com os outros	1.83	3.83	2.83	0.53	-0.26	-0.55

Observa-se que a ansiedade estado apresentou uma média de ($M = 49.95$) e ($DP = 14.70$).

Relativamente à variável do afeto, a dimensão crítica-rejeição apresentou uma média de 2.90 ($DP = 1.36$), enquanto a comunicação evidenciou valores mais elevados ($M = 4.28$; $DP = 0.64$).

Nos estilos parentais, a dimensão suporte social apresentou uma média de 3.36 ($DP = 0.57$), superior às dimensões de rejeição ($M = 2.57$; $DP = 0.94$) e a tentativa de controlo ($M = 3.03$; $DP = 0.61$).

Quanto à variável da vinculação, observou-se a média de 2.84 ($DP = 1.19$) para a dimensão da ansiedade, observou-se a média de 3.36 ($DP = 0.53$), para a confiança com a proximidade e por fim a dimensão segurança com os outros obteve a média de 2.83 ($DP = 0.53$).

Tabela 4*Variáveis descritivas referente às variáveis em estudo- Crianças*

	Min.	Max.	Média	Desvio Padrão	Assimetria	Curtose
Ansiedade Traço	20.00	60.00	46.50	10.87	-0.07	-1.10
Afeto						
Crítica Rejeição	10.00	5.00	2.90	1.36	0.12	-0.77
Comunicação	2.11	5.00	4.05	0.77	-0.50	-0.77
Estilos parentais						
Suporte social						
Mãe	1	4	2.90	0.77	-0.50	0.20
Pai	1	4	2.72	0.90	0.17	-1.08
Rejeição						
Mãe	1.00	5.00	2.90	1.36	0.10	-1.48
Pai	1.00	4.00	2.53	1.03	0.07	-1.43
Tentativa de controlo						
Mãe	4.00	4.00	2.80	0.71	-0.15	-0.37
Pai	1.00	4.00	2.79	0.84	-0.11	-0.88

A ansiedade traço apresentou uma média de 46.50 (DP = 10.87).

Relativamente às dimensões do afeto, observou-se uma média de 2.90 (DP = 1.36) para a crítica-rejeição e de 4.05 (DP = 0.77), a dimensão suporte social apresentou médias de 2.90 (DP = 0.77) para a mãe e 2.72 (DP = 0.90) para o pai.

Na rejeição, observaram-se médias de 2.90 (DP = 1.36) para a mãe e 2.53 (DP = 1.03) para o pai, sugerindo uma ligeiramente maior perceção de rejeição materna. Já na tentativa de controlo, os valores médios foram de 2.80 (DP = 0.71) para a mãe e 2.79 (DP = 0.84).

Resultados das estatísticas descritivas das variáveis em estudo com as variáveis sociodemográficas

Tabela 5

Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica estado-civil

Estado Civil	n	Posto Médio
Mãe		
Solteira	3	13.00
Casada	26	22.77
Divorciada	9	15.44
Viúva	2	25.00
Total	40	-
Pai		
Solteiro	1	6.00
Casado	8	13.88
Divorciado	11	8.45
Viúvo	-	-
Total	20	-

No que diz respeito à análise teve como objetivo explorar a relação entre a ansiedade e o estado civil dos cuidadores, desta forma, observou-se diferenças nos postos médios entre os diferentes grupos. Para as mães, as participantes viúvas apresentaram o posto médio mais elevado (25.00), indicando que, neste grupo, os scores da variável em análise tendem a ser mais altos. As mães casadas mostraram valores intermediários-altos (posto médio 22.77), enquanto as mães divorciadas (15.44) e solteiras (13.00) apresentaram os postos médios mais baixos.

Para os pais, os resultados observados indicam, que os postos médios foram mais baixos nos grupos de pais solteiros (6.00) e divorciados (8.45), enquanto os pais casados apresentaram um posto médio ligeiramente superior (13.88). Não foi possível analisar o grupo de pais viúvos devido à ausência de participantes nesta categoria.

Tabela 6

Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica estado-civil

		Ansiedade Estado
Mãe	H de Kruskal- Wallis	4.21
	df	3
	Significância Sig.	0.24
Pai	H de Kruskal- Wallis	4.53
	df	2
	Significância Sig.	0.10

Foi realizado um teste de Kruskal-Wallis para analisar diferenças nos níveis de ansiedade parental entre os quatro grupos de estado-civil.

Os resultados indicaram que não existem diferenças estatisticamente significativas no grupo das cuidadoras ($H = 4.21$, $df = 3$, $p = 0.24$), bem como no grupo dos cuidadores ($H = 4.53$, $df = 2$, $p = 0.10$). Sendo assim, demonstra-se que o estado civil não influencia na ansiedade parental.

Tabela 7

Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica profissão

	Profissão	n	Posto Médio
Mãe			
	Profissionais qualificados	5	4.17
	Técnicos e profissionais intermédios	19	12.10
	Trabalhadores de serviços e comércio	13	10.40
	Operários e trabalhadores manuais	3	12.14
Total		40	-
Pai			
	Profissionais qualificados	3	4.17
	Técnicos e profissionais intermédios	5	12.10
	Trabalhadores de serviços e comércio	5	10.40
	Operários e trabalhadores manuais	7	12.14
Total		20	-

No que diz respeito à análise teve como objetivo explorar a relação entre a ansiedade e a profissão dos cuidadores, desta forma, observou-se diferenças nos postos médios entre os diferentes grupos. Para as mães, os grupos de profissionais qualificados apresentaram o posto médio mais baixo (4.17), sugerindo que, neste grupo, os escores da variável analisada (por

exemplo, ansiedade) tendem a ser inferiores. Os grupos de técnicos e profissionais intermédios (12.10), operários e trabalhadores manuais (12.14) e trabalhadores de serviços e comércio (10.40) apresentaram valores mais elevados.

Para os pais, os postos médios por categoria profissional seguem uma tendência semelhante à observada nas mães, com profissionais qualificados apresentando o posto médio mais baixo (4.17), e os demais grupos (técnicos e profissionais intermédios 12.10; trabalhadores de serviços e comércio 10.40; operários e trabalhadores manuais 12.14) com valores mais elevados.

Tabela 8

Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica profissão

		Ansiedade Estado
Mãe	H de Kruskal- Wallis	1.96
	df	3
	Significância Sig.	0.58
Pai	H de Kruskal- Wallis	4.38
	df	3
	Significância Sig.	0.22

Foi realizado um teste de Kruskal-Wallis para analisar diferenças nos níveis de ansiedade parental entre os quatro grupos de estado-civil.

Os resultados indicaram que não existem diferenças estatisticamente significativas entre o grupo das cuidadoras ($H = 1.96$, $df = 3$, $p = 0.58$). Demonstrando assim que a região não influência nos níveis de ansiedade parental.

Tabela 9*Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica região*

	Região	n	Posto Médio
Mãe			
	Concelho de Sintra	23	21.52
	Concelho de Lisboa	6	17.08
	Concelho de Oeiras	3	20.50
	Concelho da Amadora	2	20.50
	Concelho do Barreiro	6	16.10
Total		40	-
Pai			
	Concelho de Sintra	15	9.73
	Concelho de Lisboa	3	8.67
	Concelho da Amadora	2	18.00
Total		20	-

No que diz respeito à análise teve como objetivo explorar a relação entre a ansiedade e a profissão dos cuidadores, desta forma, observou-se diferenças nos postos médios entre os diferentes grupos. Para as mães, observou-se que aquelas residentes no Concelho de Sintra apresentaram o posto médio mais elevado (21.52), sugerindo que, neste grupo, os escores da variável em análise (por exemplo, ansiedade) tendem a ser maiores. Seguem-se as mães do Concelho de Oeiras e Concelho da Amadora, ambas com posto médio de 20.50, enquanto as mães do Concelho de Lisboa (17.08) e do Concelho do Barreiro (16.10) apresentaram valores mais baixos.

No que se refere aos pais, os postos médios foram mais altos no grupo residente no Concelho da Amadora (18.00), enquanto os grupos de Sintra (9.73) e Lisboa (8.67) apresentaram valores mais baixos.

Tabela 10

Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica região

		Ansiedade Estado
Mãe	H de Kruskal- Wallis	1.40
	df	3
	Significância Sig.	0.84
Pai	H de Kruskal- Wallis	2.24
	df	2
	Significância Sig.	0.32

Foi realizado um teste de Kruskal-Wallis para analisar diferenças nos níveis de ansiedade parental entre diferentes regiões geográficas.

Os resultados indicaram que não existem diferenças estatisticamente significativas no grupo das cuidadoras ($H = 1.40$, $df = 3$, $p = 0.84$), bem como, no grupo dos cuidadores sugerindo ($H = 2.24$, $df = 2$, $p = 0.32$) que a região não influencia os níveis de ansiedade parental.

Tabela 8

Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica número de filhos

Número de Filhos		n	Posto Médio
Mãe			
	Primeiro	18	22.17
	Segundo	17	19.91
	Terceiro	5	16.50
Total		40	-
Pai			
	Primeiro	9	11.22
	Segundo	10	10.15
	Terceiro	1	7.50
Total		20	-

No que diz respeito à análise teve como objetivo explorar a relação entre a ansiedade e ao número de filhos dos cuidadores, desta forma, observou-se diferenças nos postos médios entre os diferentes grupos. Para as mães, os dados indicam que aquelas com primeiro filho apresentaram o posto médio mais elevado (22.17), sugerindo que, neste grupo, os escores da

variável em análise (por exemplo, ansiedade) tendem a ser maiores. Seguem-se as mães com segundo filho (19.91) e com terceiro filho (16.50), que apresentam os valores mais baixos. Para os pais, a tendência observada é semelhante: os pais de primeiro filho apresentaram o posto médio mais alto (11.22), seguidos dos pais de segundo filho (10.15), enquanto os pais de terceiro filho mostraram o posto médio mais baixo (7.50).

Tabela 9

Exploração da ansiedade estado (pais) através da variável sociodemográfica número de filhos

		Ansiedade Estado
Mãe	H de Kruskal- Wallis	0.99
	df	2
	Significância Sig.	0.60
Pai	H de Kruskal- Wallis	0.43
	df	2
	Significância Sig.	0.80

Foi realizado um teste de Kruskal-Wallis para analisar diferenças nos níveis de ansiedade parental entre diferentes regiões geográficas.

Os resultados indicaram que não existem diferenças estatisticamente significativas no grupo das cuidadoras ($H = 0.99$, $df = 2$, $p = 0.60$), bem como, no grupo dos cuidadores sugerindo ($H = 0.43$, $df = 2$, $p = 0.80$) que o número de filhos não influencia os níveis de ansiedade parental.

Análise de comparação da variável ansiedade referente aos pais

Tabela 9

Teste à normalidade da variável Ansiedade referente aos pais

	Kolmogorov-Smirnov			Shapiro- Wilk		
	Estatística	N	p	Estatística	N	p
Ansiedade (estado)	0.13	60	0.01	0.946	60	0.01

De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição não é normal (Estatística = 0.13, $p = 0.01$). Esta condição estatística justifica a utilização de testes não paramétricos nas análises subsequentes, garantindo a validade dos resultados.

Tabela 10

Análise da variável Ansiedade referente aos pais

	n	Média
Ansiedade		
Mãe	40	27.74
Pai	20	36.03
Total	60	-

Observou-se que as mães ($n = 40$) apresentaram uma média de 27.74 enquanto os pais ($n = 20$) revelaram uma média superior de 36.03.

Tabela 11

Análise de comparação das médias da variável Ansiedade referente aos pais

	Ansiedade estado
U de Man- Whitney	289.500
Z	-1.73
Significância sig. (2 extremidades)	0.08

Foi utilizado o teste de U de Mann-Whitney para comparar os postos médios da variável ansiedade em relação aos grupos mães e pais. De acordo com o teste, existem diferenças significativas nos postos médios da variável ansiedade entre os grupos ($U=289.50$; $p=0.08$). O grupo A (mães) mostrou postos médios superiores ao grupo B (pais).

Análise de comparação da variável Afeto referente aos pais

Tabela 12

Testagem à normalidade da variável Afeto respondente aos pais

	Kolmogorov-Smirnov			Shapiro-Wilk		
	Estatística	n	p	Estatística	n	p
Afeto-Comunicação	0.15	60	0.01	0.93	60	< 0.001
Crítica- Rejeição	0.16	60	< 0.001	0.90	60	< 0.001

De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição da amostra não é normal (Estatística=0.15, $p= 0.001$).

De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição não é normal (Estatística= 0.16, $p= 0.001$).

Tabela 13

Análise das dimensões da variável afeto referente aos pais

	n	Média
Afeto-comunicação		
Mãe	40	31.01
Pai	20	29.48
Total	60	-
Crítica- rejeição		
Mãe	40	27.46
Pai	20	36.58
Total	60	-

As mães apresentaram níveis de comunicação mais elevados do que os pais ($M = 31.01$) tendo assim em conta os resultados obtidos pelos pais ($M = 29.48$) A nível da dimensão da crítica- rejeição os pais apresentam níveis elevados do que as mães ($M= 27.46$) como é observável os resultados dos pais ($M=36.58$).

Tabela 14

Análise de comparação das médias das dimensões comunicação da variável afeto referente aos pais

	Afeto-Comunicação	Crítica- Rejeição
U de Man- Whitney	379.50	278.50
Z	-0.32	-1.91
Significância sig. (2 extremidades)	0.74	0.05

Foi utilizado o teste de U de Mann-Whitney para comparar os postos médios da variável ansiedade em relação aos grupos mães e pais. De acordo com o teste, existem diferenças significativas nos postos médios da variável afeto, a dimensão afeto- comunicação entre os grupos ($U=379.50$, $p=0.74$). O grupo A (mães) mostrou postos médios superiores ao grupo B (pais).

De acordo com o teste, existem diferenças significativas nos postos médios da variável afeto, a dimensão crítica- rejeição entre os grupos ($U= 278.50$, $p=0.05$). O grupo A (mães) mostrou postos médios inferiores ao grupo B (pais).

Análise de comparação da variável Estilos Parentais referente aos pais

Tabela 15

Testagem à normalidade da variável Estilos Parentais respondente aos pais

	Kolmogorov- Smirnov			Shapiro- Wilk		
	Estatística	n	p	Estatística	n	p
Rejeição	0.13	60	0.05	0.92	60	0.001
Suporte social	0.13	60	0.008	0.90	60	< 0.001
Tentativa de controlo	0.107	60	0.08	0.04	60	0.013

De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição da amostra é normal (Estatística= 0.13, $p= 0.05$). De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição da amostra não é normal (Estatística= 0.13, $p= 0.008$). De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição da amostra é normal (Estatística= 0.107, $p= 0.08$).

Tabela 16

Análise das dimensões da variável Estilos Parentais referente aos pais

	n	Média
Rejeição		
Mãe	40	32.89
Pai	20	25.73
Total	60	-
Suporte Social		
Mãe	40	28.80
Pai	20	33.90
Total	60	-
Tentativa de controlo		
Mãe	40	30.10
Pai	20	31.30
Total	60	-

Relativamente ao suporte social, verificou-se que as mães ($M = 28.80$) obtiveram uma média superior à dos pais ($M = 33.90$). Quanto à rejeição, observou-se uma média superior nas mães ($M = 32.98$) em comparação com os pais ($M = 25.73$). Na tentativa de controlo, as médias foram semelhantes entre mães ($M = 31.30$) e pais ($M = 31.30$).

Tabela 17

Análise de comparação das médias das dimensões comunicação da variável Estilos Parentais referente aos pais

	Rejeição	Suporte social	Tentativa de controlo
U de Man- Whitney	332.00	304.50	384.00
Z	-1.06	-1.50	-0.25
Significância sig. (2 extremidades)	0.28	0.13	0.80

Foi utilizado o teste de U de Mann-Whitney para comparar os postos médios da variável estilos parentais em relação aos grupos mães e pais. De acordo com o teste, existem diferenças significativas nos postos médios da variável afeto, a dimensão rejeição entre os grupos ($U=332.00$, $p=0.28$). O grupo A (mães) mostrou postos médios inferiores ao grupo B (pais).

De acordo com o teste, existem diferenças significativas nos postos médios da variável estilos parentais, a dimensão suporte social entre os grupos ($U=304.50$, $p=0.13$). O grupo A (mães) mostrou postos médios inferiores ao grupo B (pais).

De acordo com o teste, existem diferenças significativas nos postos médios da variável estilos parentais, a dimensão tentativa de controlo entre os grupos ($U=384.00$; $p=0.80$). O grupo A (mães) mostrou postos médios superiores ao grupo B (pais).

Análise de comparação da variável Vinculação referente aos pais

Tabela 18

Testagem à normalidade da variável Vinculação respondente aos pais

	Kolmogorov-Smirnov			Shapiro-Wilk		
	Estatística	n	p	Estatística	n	p
Ansiedade	0.12	60	0.21	0.93	60	0.06
Conforto com a proximidade	0.15	60	0.001	0.96	60	0.06
Confiança nos outros	0.11	60	< 0.001	0.95	60	< 0.01

De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição da amostra é normal (Estatística= 0.12, $p= 0.21$). De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição da amostra não é normal (Estatística= 0.15, $p= 0.001$). De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição da amostra não é normal (Estatística= 0.11, $p= <0.001$).

Tabela 19

Análise da variável vinculação referente aos pais

	n	Média
Ansiedade		
Mãe	4020	29.99
Pai		31.53
Total	60	-
Segurança nos outros		
Mãe	4020	32.05
Pai		27.40
Total	60	-
Conforto com a proximidade		
Mãe	4020	31.83
Pai		27.85
Total	60	-

Relativamente ao ansiedade, verificou-se que as mães ($M = 29.99$) apresentaram uma média inferior à dos pais ($M = 31.53$). No que se refere à segurança nos outros, observou-se uma média superior nas mães ($M = 32.05$) em comparação com os pais ($M = 27.40$). Por fim,

na dimensão conforto com a proximidade, as médias os pais apresentam níveis elevados do que as mães ($M= 31.83$) como é observável os resultados dos pais ($M= 27.85$).

Tabela 20

Análise de comparação das médias das dimensões comunicação da variável Estilos Parentais referente aos pais

	Ansiedade	Segurança nos outros	Conforto com a proximidade
U de Man- Whitney	379.50	338.00	347.00
Z	-0.32	-0.97	-0.84
Significância sig. (2 extremidades)	0.74	0.32	0.40

Foi utilizado o teste de U de Mann-Whitney para comparar os postos médios da variável ansiedade em relação aos grupos mães e pais. De acordo com o teste, existem diferenças significativas nos postos médios da variável estilos parentais, a dimensão ansiedade entre os grupos ($U=379.50$; $p=0.74$). O grupo A (mães) mostrou postos médios inferiores ao grupo B (pais).

De acordo com o teste, existem diferenças significativas nos postos médios da variável estilos parentais o, a dimensão segurança nos outros entre os grupos ($U=338.00$; $p=0.32$). O grupo A (mães) mostrou postos médios superiores ao grupo B (pais).

Análise de comparação da variável Ansiedade referente às crianças

Tabela 21

Testagem à normalidade da variável ansiedade referente às crianças

	Kolmogorov-Smirnov			Shapiro-Wilk		
	Estatística	n	p	Estatística	n	p
Ansiedade traço	0.16	60	< 0.01	0.90	60	< 0.001

De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição da amostra não é normal (Estatística= 0.16, $p = < 0.01$).

Tabela 22

Análise de comparação da variável ansiedade referente às crianças

	n	Média
Ansiedade		
Feminino	33	29.52
Masculino	27	31.70

Verificou-se que o grupo feminino ($n = 33$) apresentou uma média ligeiramente inferior ($M = 29.52$) em comparação com o grupo masculino ($n = 27$), que apresentou uma média de 31.70.

Tabela 23

Análise de comparação das médias das dimensões comunicação da variável Ansiedade referente às crianças

	Ansiedade
U de Man- Whitney	413.00
Z	-0.48
Significância sig. (2 extremidades)	0,62

Foi utilizado o teste de U de Mann-Whitney para comparar os postos médios da variável ansiedade em relação aos grupos feminino e masculino. De acordo com o teste, existem diferenças significativas nos postos médios da variável ansiedade, entre os grupos (U=413.00; p=0.62). O grupo A (feminino) mostrou postos médios inferiores ao grupo B (masculino).

Análise de comparação da variável Afetos referente às crianças

Tabela 24

Testagem à normalidade da variável afetos referente às crianças

	Kolmogorov-Smirnov			Shapiro-Wilk		
	Estatística	n	p	Estatística	n	p
Comunicação	0.12	60	0.02	0.92	60	< 0.001
Crítica- Rejeição	0.125	60	0.02	0.92	60	< 0.001

De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição da amostra não é normal (Estatística= 0.12, $p= 0.02$). De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição da amostra não é normal (Estatística= 0.125, $p= 0.02$).

Tabela 25

Análise de comparação da variável afetos referente às crianças

	n	Média
Afeto- Comunicação		
Feminino	33	28.35
Masculino	27	33.13
Total	60	-
Crítica- Rejeição		
Feminino	33	27.56
Masculino	27	34.09
Total	60	-

Relativamente à dimensão Afeto–Comunicação, verificou-se que o grupo feminino ($n = 33$) apresentou uma média de 28.35, enquanto o grupo masculino ($n = 27$) apresentou uma média ligeiramente superior de 33.13.

Relativamente à dimensão Crítica- rejeição, verificou-se que o grupo feminino ($n = 33$) apresentou uma média de 27.56, enquanto o grupo masculino ($n = 27$) apresentou uma média ligeiramente superior de 34.09.

Tabela 26

Análise de comparação das médias das dimensões comunicação da variável afetos referente às crianças

	Afeto- comunicação	Crítica- rejeição
U de Man- Whitney	374.50	348.50
Z	-1.06	-1.44
Significância sig. (2 extremidades)	0.28	0.14

Foi utilizado o teste de U de Mann-Whitney para comparar os postos médios da variável afetos em relação aos grupos feminino e masculino. De acordo com o teste, existem diferenças significativas nos postos médios da variável afeto, a dimensão afeto- comunicação entre os grupos ($U=374.50$; $p=0.28$). O grupo A (feminino) mostrou postos médios inferiores ao grupo B (masculino).

De acordo com o teste, existem diferenças significativas nos postos médios da variável afeto, a dimensão crítica- rejeição entre os grupos ($U= 348.50$; $p=0.14$). O grupo A (feminino) mostrou postos médios inferiores ao grupo B (masculino).

Análise de comparação da variável Estilos Parentais referente às crianças

Tabela 27

Testagem à normalidade da variável estilos parentais referentes à percepção das crianças

	Kolmogorov- Smirnov			Shapiro- Wilk		
	Estatística	n	p	Estatística	n	p
Rejeição	0.13	60	0.05	0.92	60	0.001
Suporte social	0.13	60	0.008	0.90	60	< 0.001
Tentativa de controlo	0.107	60	0.08	0.04	60	0.013

De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição da amostra é normal (Estatística= 0.13, $p= 0.05$). De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição da amostra não é normal (Estatística= 0.13, $p= 0.008$). De acordo com o teste de Kolmogorov-Smirnov, a distribuição da amostra é normal (Estatística= 0.107, $p= 0.08$).

Tabela 28*Análise de comparação da variável estilos parentais referente à percepção da crianças*

	n	Média
Suporte emocional (mãe)		
Feminino	33	28.82
Masculino	27	32.56
Total	60	-
Suporte emocional (pai)		
Feminino	33	28.64
Masculino	27	32.78
Total	60	-
Rejeição (mãe)		
Feminino	33	29.91
Masculino	27	31.22
Total	60	-
Rejeição (pai)		
Feminino	33	28.64
Masculino	27	32.56
Total	60	-
Tentativa de controlo (mãe)		
Feminino	33	29.15
Masculino	27	32.15
Total	60	-
Tentativa de controlo (pai)		
Feminino	33	29.50
Masculino	27	31.72
Total	60	-

Na dimensão suporte emocional fornecido pela mãe, observou-se uma média de 28.82 para crianças do sexo feminino e uma média para crianças do sexo masculino de 32.56.

No suporte emocional fornecido pelo pai, as médias foram de 28.64 o grupo feminino e 32.78 para o grupo masculino.

Na dimensão rejeição materna, a média foi de 29.91 para crianças do sexo feminino e 31.22 para crianças do sexo masculino. Na rejeição paterna, observou-se uma média para o grupo feminino de 28.64 e para o grupo masculino uma média de 32.15.

A dimensão tentativa de controlo da mãe, a média foi de 29.50 para crianças do sexo feminino e para crianças do sexo masculino foi de 32.15. Na tentativa de controlo do pai, observou-se 29.50 para o grupo feminino e para o grupo masculino foi de 31.72.

Tabela 29

Análise de comparação das médias das dimensões comunicação da variável Estilos Parentais referente às crianças

	Suporte social	Rejeição	Tentativa de controlo
U de Man- Whitney	379.50	338.00	347.00
Z	-0.32	-0.97	-0.84
Significância sig. (2 extremidades)	0.74	0.32	0.40

Foi utilizado o teste de U de Mann-Whitney para comparar os postos médios da variável estilos parentais em relação aos grupos femininos e masculino. De acordo com o teste, existem diferenças significativas nos postos médios da variável estilos parentais, a dimensão suporte social entre os grupos ($U=379.50$, $p=0.74$). O grupo A (feminino) mostrou postos médios inferiores ao grupo B (masculinos).

De acordo com o teste, existem diferenças significativas nos postos médios da variável estilos parentais, a dimensão suporte social entre os grupos ($U= 379.50$, $p=0.74$). O grupo A (feminino) mostrou postos médios inferiores ao grupo B (masculino).

De acordo com o teste, existem diferenças significativas nos postos médios da variável estilos parentais, a dimensão tentativa de controlo entre os grupos ($U= 347.00$; $p=0.40$). O grupo A (feminino) mostrou postos médios inferiores ao grupo B (masculino).

Análise de comparação cuidadores e criança da variável Ansiedade

Tabela 30

Análise de associação entre cuidadores e criança da variável Ansiedade

		Ansiedade estado	Ansiedade traço
Cuidadores	Ansiedade estado		
	Coefficiente de correlação	1.00	0.32
	Sig. (2 extremidades)	-	0.11
	n	60	60
Crianças	Ansiedade Traço		
	Coefficiente de correlação	0.32	1.00
	Sig. (2 extremidades)	0.11	-
	n	60	60

*. A correlação é significativa no nível 0.05 (2 extremidade).

Uma correlação de spearman foi aplicada para determinada a relação entre a variável ansiedade estado e ansiedade traço. Obteve-se uma correlação média positiva que não foi estatisticamente significativa ($r=0.32$, $p= 0.11$).

Análise de comparação cuidadores e criança da variável Afetos

Tabela 31

Análise de comparação entre cuidadores e criança da variável afetos

		Cuidadores		Criança	
		Crítica-Rejeição	Afeto-Comunicação	Crítica-Rejeição	Afeto-Comunicação
Cuidadores	Crítica- rejeição				
	Coeficiente de correlação	1.00	-0.06	0.76	-0.26
	Sig. (2 extremidades)	-	0.62	<0.001	0.44
	n	60	60	60	60
	Afeto- comunicação				
	Coeficiente de correlação	-0.6	1.00	-0.34	0.28
Crianças	Sig. (2 extremidades)	0.62	-	0.006	0.02
	n	60	60	60	60
	Crítica- rejeição				
	Coeficiente de correlação	0.76	-0.34	1.00	0.009
	Sig. (2 extremidades)	<0.001	0.006	-	0.94
	n	60	60	60	60
Crianças	Afeto- comunicação				
	Coeficiente de correlação	-0.26	0.28	0.009	1.00
	Sig. (2 extremidades)	0.04	0.02	0.09	-
	n	60	60	60	60

** . A correlação é significativa no nível 0.01 (2 extremidades)

*. A correlação é significativa no nível 0.05 (2 extremidades)

Foram calculados os coeficientes de correlação de Spearman, para avaliar as relações entre as dimensões Crítica-Rejeição e Afeto-Comunicação nos cuidadores e nas crianças.

Entre os cuidadores, observou-se uma correlação positiva significativa entre Crítica-Rejeição e a mesma dimensão nas crianças ($r = 0.76, p < 0.001$). Por outro lado, entre Afeto-Comunicação dos cuidadores e Crítica-Rejeição das crianças foi negativa e significativa ($r = -0.34, p = 0.006$).

A dimensão Afeto-Comunicação dos cuidadores também se correlacionou positivamente com a mesma dimensão nas crianças ($r = 0.28, p = 0.02$). Por sua vez, a correlação entre Afeto-Comunicação dos cuidadores e Crítica-Rejeição das crianças foi negativa e significativa ($r = -0.26, p = 0.04$).

Entre as dimensões das crianças, a correlação entre Crítica-Rejeição e Afeto-Comunicação não foi significativa ($r = 0.009$, $p = 0.94$).

Análise de comparação cuidadores e criança da variável Estilos parentais

Tabela 32

Análise de comparação entre cuidadores e criança da variável Estilos parentais

		Cuidadores					
		Rejeição	Suporte Social	Tentativa de controlo			
Cuidadores	Rejeição						
	Coeficiente de correlação	1.000	0.28	0.721			
	Sig. (2 extremidades)	-	0.30	<0.001			
	n	60	60	60			
	Suporte Social		1.00	0.63			
	Coeficiente de correlação	0.28	-	<0.001			
	Sig. (2 extremidades)	0.03	60	60			
	n	60					
	Tentativa de controlo						
	Coeficiente de correlação	0.72	0.63	1.000			
	Sig. (2 extremidades)	<0.001	<0.001	-			
	n	60	60	60			
		Criança					
		Rejeição		Suporte Social		Tentativa de controlo	
Cuidadores	Rejeição	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
	Coeficiente de correlação	0.69	0.73	0.24	0.38	0.548	0.66
	Sig. (2 extremidades)	<0.001	<0.001	0.60	0.002	<0.001	<0.001
	n	60	60	60	60	60	60
	Suporte Social						
	Coeficiente de correlação	0.15	0.07	0.22	0.22	0.005	0.16
	Sig. (2 extremidades)	0.91	0.56	0.08	0.09	0.96	0.20
	n	60	60	60	60	60	60
	Tentativa de controlo						
	Coeficiente de correlação	0.49	0.50	0.25	0.37	0.43	0.53
	Sig. (2 extremidades)	<0.001	<0.001	0.04	0.004	<0.001	<0.001
	n	60	60	60	60	60	60

Foram calculados os coeficientes de correlação de Spearman, para avaliar as relações entre os estilos parentais dos cuidadores e os estilos parentais das crianças.

Entre os cuidadores, a dimensão Rejeição apresentou uma correlação positiva significativa com Tentativa de controlo ($r = 0.72$, $p < 0.001$), e uma correlação significativa, com Suporte Social ($r = 0.28$, $p = 0.03$).

A dimensão Suporte Social correlacionou-se significativamente com Tentativa de controlo ($r = 0.63$, $p < 0.001$), indicando que cuidadores que apresentam maior suporte social tendem a

exercer mais tentativa de controlo, e que rejeição e controlo parental estão fortemente associadas.

A dimensão Rejeição dos cuidadores correlacionou-se significativamente com Rejeição nas crianças, tanto na mãe ($r = 0.69, p < 0.001$) quanto no pai ($r = 0.73, p < 0.001$).

A Tentativa de controlo dos cuidadores também se correlacionou significativamente com a mesma dimensão nas crianças, tanto na mãe ($r = 0.43, p < 0.001$) quanto no pai ($r = 0.53, p < 0.001$). Por outro lado, as correlações entre Suporte Social dos cuidadores e Suporte Social nas crianças foram não significativas.

Tabela 33*Análise de comparação entre cuidadores e criança da variável Estilos parentais*

		Cuidadores						
		Rejeição		Suporte Social		Tentativa de controle		
Criança	Rejeição (Mãe)							
		Coeficiente de correlação	0.69		0.01		0.49	
		Sig. (2 extremidades)	<0.001		0.91		<0.001	
		n	60		60		60	
	Rejeição (Pai)							
		Coeficiente de correlação	0.73		0.07		0.50	
		Sig. (2 extremidades)	<0.001		0.56		<0.001	
		n	60		60		60	
	Suporte Social (Mãe)							
		Coeficiente de correlação	0.24		0.26		0.25	
		Sig. (2 extremidades)	0.06		0.08		0.04	
		n	60		60		60	
	Suporte Social (Pai)							
		Coeficiente de correlação	0.38		0.22		0.25	
		Sig. (2 extremidades)	0.002		0.09		0.04	
		n	60		60		60	
Tentativa de controle (Mãe)								
	Coeficiente de correlação	0.54		0.005		0.43		
	Sig. (2 extremidades)	<0.001		0.96		<0.001		
	n	60		60		60		
Tentativa de controle (Pai)								
	Coeficiente de correlação	0.66		0.16		0.53		
	Sig. (2 extremidades)	<0.001		0.20		<0.001		
	n	60		60		60		
		Criança						
		Rejeição		Suporte Social		Tentativa de controle		
		Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	
Criança	Rejeição (Mãe)							
		Coeficiente de correlação	1.000	0.76	0.42	0.35	0.88	0.69
		Sig. (2 extremidades)	-	<0.001	<0.001	0.006	<0.001	<0.001
		n	60	60	60	60	60	60
	Rejeição (Pai)							
		Coeficiente de correlação	0.76	1.000	0.18	0.58	0.70	0.90
		Sig. (2 extremidades)	<0.01	-	0.14	<0.01	<0.001	<0.001
		n	60	60	60	60	60	60
	Suporte Social (Mãe)							
		Coeficiente de correlação	0.42	0.18	1.00	0.38	0.41	0.25
		Sig. (2 extremidades)	<0.001	0.14	-	0.003	0.001	0.04
		n	60	60	60	60	60	60
	Suporte Social (Pai)							
		Coeficiente de correlação	0.69	0.90	0.25	0.60	0.68	1.00
		Sig. (2 extremidades)	<0.001	<0.001	0.04	<0.001	<0.001	-
		n	60	60	60	60	60	60

		Criança					
		Rejeição		Suporte Social		Tentativa de controle	
		Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Tentativa de controle (Mãe)							
	Coefficiente de correlação	0.88	0.70	0.41	0.255	1.000	0.68
	Sig. (2 extremidades)	<0.001	<0.001	0.001	0.04	-	<0.001
	n	60	60	60	60	60	60
Tentativa de controle (Pai)							
	Coefficiente de correlação	0.69	0.90	0.25	0.600	0.68	1.00
	Sig. (2 extremidades)	<0.001	<0.001	0.04	<0.001	<0.001	-
	n	60	60	60	60	60	60

*. A correlação é significativa no nível 0.05 (2 extremidades).

**. A correlação é significativa no nível 0.01 (2 extremidades).

Foram calculados os coeficientes de correlação de Spearman, para analisar as associações entre os estilos parentais dos cuidadores e os estilos parentais das crianças, considerando as dimensões Rejeição, Suporte Social e Tentativa de Controle, separadas por mãe e pai.

Na dimensão rejeição os resultados indicaram correlações positivas e significativas entre os cuidadores e a mesma dimensão nas crianças, tanto na mãe ($r = 0.69, p < 0.001$) quanto no pai ($r = 0.73, p < 0.001$).

Na dimensão suporte social os resultados não indicaram correlações positivas entre os cuidadores e a mesma dimensão nas crianças, tanto na mãe ($r = 0.42, p < 0.001$) quanto no pai ($r = 0.73, p < 0.001$).

Na dimensão tentativa de controle dos cuidadores também se correlacionou significativamente com a mesma dimensão nas crianças, tanto na mãe ($r = 0.54, p < 0.001$) quanto no pai ($r = 0.41, p = 0.001$).

Regressão da variável vinculação

Tabela 34

Regressão linear contínua da dimensão Ansiedade da variável vinculação com os dados sociodemográficos

	Beta (Padronizado)	T	Sig	Estatísticas de Colinearidade	
				Tolerância	VIF
Gênero da criança	-0.080	-1.11	0.26	0.81	1.25
Idade da criança	0.22	2.99	0.004	0.77	1.29
Idade do adulto	-0.048	1.200	0.23	0.74	1.34

Foram realizadas análises de regressão linear múltipla para observar os efeitos das variáveis sociodemográficas com a variável vinculação.

O Gênero da criança não se revelou um preditor significativo da variável dependente, $\beta = -0.080$, $t = -1.11$, $p = 0.26$, indicando que o sexo da criança não tem efeito estatisticamente relevante sobre a variável analisada.

A Idade da criança apresentou um efeito significativo, $\beta = 0.22$, $t = 2.99$, $p = 0.004$, sugerindo que a variável dependente aumenta conforme a idade da criança aumenta.

A Idade do adulto não foi um preditor significativo, $\beta = -0.048$, $t = 1.20$, $p = 0.23$, indicando ausência de efeito estatisticamente relevante.

Tabela 35*Regressão linear continua da dimensão Ansiedade da variável em estudo vinculação*

		Beta (Padronizado)	T	Sig	Estatísticas de Colinearidade	
					Tolerância	VIF
Cuidadores	Ansiedade Estado Afeto	- 0.04	- 0.64	0.52	0.75	1.33
	Afeto- Comunicação	0.22	1.92	0.05	0.32	3.09
	Crítica- Rejeição	0.24	1.49	0.14	0.15	6.36
	Estilo Parental					
	Rejeição	0.66	4.78	< 0.001	0.21	4.58
	Suporte social	- 0.39	-3.40	0.001	0.31	3.17
	Tentativa controlo	0.65	4.50	0.001	0.31	4.50
Criança	Ansiedade Traço Afeto	0.03	- 0.64	0.52	0.75	1.33
	Afeto- Comunicação	0.06	0.63	0.53	0.41	2.3
	Crítica- Rejeição	- 0.01	- 0.10	0.91	0.21	4.65
	Estilo Parental					
	Rejeição					
	Mãe	-0.39	-2.48	0.01	0.43	10.88
	Pai	-0.41	-1.84	0.08	0.09	11.74
	Suporte social					
	Mãe	-0.12	-1.35	0.17	0.47	2.10
	Pai	2.13	2.13	0.03	0.43	2.28
	Tentativa controlo					
	Mãe	-0.39	-2.48	0.01	0.17	5.88
	Pai	0.29	1.62	0.01	0.12	7.72

Foram realizadas análises de regressão linear múltipla para analisar os efeitos das variáveis de cuidadores e crianças sobre dimensões de ansiedade, afeto e estilos parentais.

Para os cuidadores, a ansiedade estado não se revelou um preditor significativo das variáveis analisadas ($\beta = -0.04$, $t = -0.64$, $p = 0.52$).

A dimensão Afeto, incluindo Afeto-Comunicação ($\beta = 0.22$, $t = 1.92$, $p = 0.05$) e Crítica-Rejeição ($\beta = 0.24$, $t = 1.49$, $p = 0.14$).

Tabela 36

Regressão linear continua da dimensão Conforto e Proximidade da variável vinculação com os dados sociodemográficos

	Beta (Padronizado)	T	Sig	Estatísticas de Colinearidade	
				Tolerância	VIF
Género da criança	-0.047	-0.44	0.66	0.81	1.22
Idade da criança	-0.006	-0.05	0.96	0.77	1.29
Idade do adulto	0.202	1.80	0.07	0.74	1.34

Foi realizada uma regressão linear múltipla para avaliar o efeito de género da criança, idade da criança e idade do adulto sobre a dimensão Conforto e Proximidade da vinculação.

O Género da criança não se revelou um preditor significativo da dimensão analisada ($\beta = -0.047$, $t = -0.44$, $p = 0.66$).

A Idade da criança também não apresentou efeito significativo ($\beta = -0.006$, $t = -0.05$, $p = 0.96$).

A Idade do adulto não indicou estatisticamente significativo ($\beta = 0.202$, $t = 1.80$, $p = 0.07$).

Tabela 37

Regressão linear continua da dimensão Conforto e Proximidade com os outros da variável em estudo vinculação

		Beta (Padronizado)	T	Sig	Estatísticas de Colinearidade	
					Tolerância	VIF
Cuidadores	Ansiedade Estado	0.09	0.83	0.409	0.75	1.33
	Afeto					
	Afeto- Comunicação	0.58	3.45	<0.001	0.32	3.09
	Crítica- Rejeição	-0.16	-0.66	0.51	0.15	6.36
	Estilo Parental					
	Rejeição	0.01	0.09	0.92	0.21	4.58
	Suporte social	-0.077	-0.44	0.65	0.315	3.17
	Tentativa controlo	0.11	0.43	0.63	0.34	3.18
	Ansiedade Traço	-0.03	-0.24	0.80	0.42	2.35
	Afeto					
Criança	Afeto- Comunicação	0.58	3.45	<0.001	0.32	3.09
	Crítica- Rejeição	0.24	1.18	0.24	0.21	4.65
	Estilo Parental					
	Rejeição					
	Mãe	0.54	1.71	0.09	0.09	10.88
	Pai	-0.81	- 2.46	0.01	0.08	11.74
	Suporte social					
	Mãe	-0.10	-0.72	0.46	0.47	2.102
	Pai	-0.03	-0.22	0.82	0.43	0.28
	Tentativa controlo					
	Mãe	-0.25	-1.10	0.27	0.17	5.88
	Pai	0.33	1.24	0.21	0.12	7.72

Foi realizada uma regressão linear múltipla com o objetivo de avaliar o contributo das variáveis Ansiedade Estado, Afeto e Estilos Parentais, no grupo dos cuidadores

Os resultados dos cuidadores indicaram que, a ansiedade estado não apresentou um efeito significativo ($\beta = 0.09$, $t = 0.83$, $p = 0.41$). A dimensão afeto comunicação mostrou um efeito positivo e significativo ($\beta = 0.58$, $t = 3.45$, $p < 0.001$). A dimensão crítica-rejeição não foi significativa ($\beta = -0.16$, $t = -0.66$, $p = 0.51$). Já na variável estilos parentais Rejeição ($\beta = 0.01$, $p = 0.92$); Suporte Social ($\beta = -0.077$, $p = 0.65$); Tentativa de Controlo ($\beta = 0.11$, $p = 0.63$) apresentou efeito significativo sobre a variável dependente.

Os resultados referente às crianças indicaram que, a ansiedade traço não foi estatisticamente significativa ($\beta = -0.03$, $t = -0.24$, $p = 0.80$). A dimensão afeto-comunicação revelou novamente um efeito positivo e significativo ($\beta = 0.58$, $t = 3.45$, $p < 0.001$) a dimensão crítica-rejeição não apresentou efeito significativo ($\beta = 0.24$, $t = 1.18$, $p = 0.24$). E quanto aos estilos parentais, verificou-se que a Rejeição do pai obteve um resultado não significativo ($\beta = -0.81$, $t = -2.46$, $p = 0.01$).

Tabela 38

Regressão linear continua da dimensão Segurança com os Outros da variável vinculação com os dados sociodemográficos

	Beta (Padronizado)	T	Sig	Estatísticas de Colinearidade	
				Tolerância	VIF
Gênero da criança	0.10	1.08	0.28	0.81	1.225
Idade da criança	-0.006	-0.06	0.95	0.77	1.29
Idade do adulto	0.07	0.73	0.46	0.74	1.34

Foi realizada uma regressão linear múltipla para avaliar o efeito de gênero da criança, idade da criança e idade do adulto sobre a dimensão segurança com os outros.

O gênero da criança ($\beta = 0.10$, $t = 1.08$, $p = 0.28$) não se revelou um preditor significativo, sendo assim não há diferenças relevantes entre meninos e meninas quanto ao nível de conforto e proximidade percebido.

A idade da criança ($\beta = -0.006$, $t = -0.06$, $p = 0.95$) também não demonstrou associação significativa, indicando que a idade não influencia de forma relevante essa dimensão da vinculação. Da mesma forma, a idade do adulto ($\beta = 0.07$, $t = 0.73$, $p = 0.46$) não se mostrou significativa.

Tabela 39

Regressão linear continua da dimensão Segurança com os Outros com os outros da variável em estudo vinculação

		Beta (Padronizado)	T	Sig	Estatísticas de Colinearidade	
					Tolerância	VIF
Cuidadores	Ansiedade Estado Afeto	0.009	0.08	0.93	0.75	1.33
	Afeto- Comunicação	-0.40	-2.68	0.009	0.32	3.09
	Crítica- Rejeição	-0.099	-0.45	0.65	0.15	6.36
	Estilo Parental					
	Rejeição	-.341	-1.85	0.06	0.21	4.58
	Suporte social	0.056	0.36	0.71	0.31	3.17
Criança	Tentativa controlo	-2.50	0.70	0.05	0.31	3.40
	Ansiedade Traço Afeto	-0.06	-0.49	0.62	0.42	2.35
	Afeto- Comunicação	-0.13	-0.99	0.32	0.41	2.38
	Crítica- Rejeição	-0,02	-0.12	0.90	0.21	4.65
	Estilo Parental					
	Rejeição					
	Mãe	-0.34	-1.20	0.23	0.09	10.88
	Pai	0.07	0.25	0.79	0.08	11.74
	Suporte social					
	Mãe	0.18	1.47	0.14	0.47	2.10
	Pai	-0.16	-1.26	0.21	0.43	2.28
	Tentativa controlo					
	Mãe	0.23	1.14	0.25	170	5.88
	Pai	0.21	0.09	0.92	0.12	7.72

Foi realizada uma regressão linear múltipla com o objetivo de avaliar o contributo das variáveis Ansiedade Estado, Afeto e Estilos Parentais, no grupo dos cuidadores como poderá afetar a ansiedade traço no grupo das crianças.

Relativamente aos cuidadores obteve-se os seguintes resultados. Na variável ansiedade estado ($\beta = 0.009$; $t = 0.08$; $p = 0.93$), não foi estatisticamente significativo. A variável Afeto não obteve significância através da observação das dimensões, afeto- Comunicação ($\beta = -0.40$; $t = -2.68$; $p = 0.009$), não foi estaticamente significativa e Crítica – Rejeição ($\beta = -0.099$; $t = -0.45$; $p = 0.65$). Na variável estilo parental não se obteve significância nas seguintes dimensões rejeição ($\beta = -0.341$; $t = -1.85$; $p = 0.06$)

Suporte Social ($\beta = 0.056$; $t = 0.36$; $p = 0.71$) e Tentativa de Controlo ($\beta = -2.50$; $t = -1.85$; $p = 0.05$).

Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal explorar como a ansiedade parental afeta os estilos de vinculação, o afeto parental e os estilos parentais e teve como objetivos específicos: (1) caracterizar os níveis de ansiedade parental; (2) identificar os estilos de vinculação predominantes; (3) compreender os estilos parentais percebidos; (4) compreender os afetos expressos no contexto familiar; e (5) analisar de que forma a ansiedade parental se relaciona com a vinculação, os afetos e os estilos parentais. Os dados obtidos serão discutidos à luz da literatura científica, procurando integrar evidência empírica e fundamentação teórica.

Os resultados descritivos demonstraram que a amostra apresentou níveis moderados de ansiedade-estado, com médias dentro dos valores esperados para a população geral, o que indica uma variabilidade emocional considerável entre os participantes. Este dado é coerente com a literatura que aponta a ansiedade parental como uma resposta comum às exigências do papel de cuidador, sobretudo em contextos de responsabilidade sobre o desenvolvimento dos filhos. No que respeita ao afeto, observou-se que a dimensão comunicação, apresentou valores mais elevados do que a crítica-rejeição. (Bögels & Brechman-Toussaint, 2006).

A literatura tem demonstrado que a qualidade da relação entre cuidadores e filhos se relaciona diretamente com o bem-estar emocional da criança, influenciando variáveis como o funcionamento social, o ajustamento escolar, a regulação emocional e o desenvolvimento psicopatológico (Bowlby, 1969/1982; Thompson, 2016). Entre os fatores parentais com maior impacto comprovado no desenvolvimento da criança encontra-se a ansiedade parental, frequentemente descrita como um estado emocional marcado por preocupação persistente, hipervigilância e antecipação de perigo relativamente ao bem-estar dos filhos (Drake & Ginsburg, 2012; Hudson & Rapee, 2004).

Relativamente à análise da ansiedade parental com os dados sociodemográficos revelou que os mesmos não influenciam na ansiedade parental, revelando que os fatores relacionais e conjugais podem exercer uma influência sobre a experiência emocional dos cuidadores. Este resultado é congruente com estudos que evidenciam que os contextos conjugais estáveis tendem a funcionar como fator protetor à face da ansiedade parental, enquanto as situações de instabilidade podem intensificar os sintomas ansiosos. Por outro lado, estes resultados podem estar associados à ansiedade, o que pode refletir uma homogeneidade da amostra ou uma menor influência destas dimensões contextuais no bem-estar emocional (Whisman et al., 2011).

As comparações entre as mães e os pais, realizadas através do teste U de Mann-Whitney, não revelaram as diferenças estatísticas relevantes em algumas dimensões afetivas e parentais. Ainda assim de modo geral, as mães apresentaram os níveis mais elevados de comunicação e o suporte emocional, enquanto os pais evidenciaram os maiores valores na dimensão crítica-rejeição. Estes resultados indicam que as crianças percebem claramente comportamentos de rejeição parental, reforçando literatura que indica que a rejeição é altamente explícita e emocionalmente impactante (Rohner, 2016). Desta forma, podemos observar que os resultados são consistentes com a literatura que descreve que as mães são tendencialmente mais empáticas e comunicativas na relação com os filhos (Putnick et al., 2018), enquanto os pais, embora igualmente envolvidos, podem adotar estratégias relacionais mais diretivas e menos emocionalmente expressivas (Lamb, 2010). Tais diferenças podem ser compreendidas à luz da socialização do género, que tendem a atribuir à mulher o papel de cuidadora emocional e ao homem o papel de provedor e disciplinador (Paquette, 2004).

Nas análises realizadas com os cuidadores, observou-se que a ansiedade-estado não apresentou efeitos significativos sobre as dimensões de afeto e sobre os estilos parentais. Este

resultado sugere que, embora exista uma base teórica que relacione níveis elevados de ansiedade com práticas parentais menos adaptativas, essa ligação poderá não ser direta, sendo possivelmente modulada por variáveis mediadoras, como o suporte social percebido, as estratégias de coping ou a percepção de eficácia parental. Ainda assim, verificou-se que a dimensão afeta–comunicação apresentou um efeito positivo e significativo, indicando que cuidadores que comunicam de forma mais aberta e empática tendem a favorecer relações de vinculação mais seguras e ajustadas. Em contrapartida, a dimensão crítica–rejeição não revelou efeitos significativos, o que pode indicar que o impacto da rejeição parental ocorre de forma indireta, mediada por fatores emocionais, relacionais ou contextuais (Whaley et al., 1999).

Relativamente aos estilos parentais, as médias obtidas indicaram uma maior presença no suporte social, bem como, de práticas de rejeição ou controlo. Este padrão reforça a predominância de estilos parentais positivos, associados a maior disponibilidade emocional e capacidade de oferecer suporte emocional consistente. De acordo com Baumrind (1991), os pais que adotam estilos mais responsáveis e menos punitivos tendem a promover ajustamento emocional mais adequado nas crianças, bem como, uma maior segurança vincular. Na variável vinculação, as médias mostraram os valores intermédios nas dimensões de ansiedade e segurança (Bögels & Brechman-Toussaint, 2006). Os estilos parentais correspondem ao conjunto de atitudes, práticas educativas e padrões comportamentais estáveis que os cuidadores utilizam no processo de educar os filhos (Baumrind, 1967). A ansiedade parental pode distorcer estes estilos, conduzindo a práticas mais intrusivas, inconsistentes ou hiperprotectoras (Möller et al., 2015). As análises de correlação de Spearman revelaram associações significativas entre dimensões do afeto e dos estilos parentais, tanto nos cuidadores como nas crianças. Verificou-se uma forte correlação positiva entre a crítica-

rejeição dos cuidadores e a mesma dimensão nas crianças, o que sugere um padrão intergeracional de transmissão emocional e comportamental. Em consonância com os modelos de aprendizagem social de Bandura (1977), este resultado indica que as crianças tendem a reproduzir os comportamentos e atitudes observados nas figuras parentais. Do mesmo modo, observou-se uma correlação positiva entre a dimensão afeto-comunicação dos cuidadores e das crianças, evidenciando que contextos familiares com maior comunicação e expressividade emocional favorecem interações afetivas semelhantes nas crianças. Estes achados corroboram a teoria de Bowlby (1988), segundo a qual a qualidade da relação de vinculação inicial influencia a formação de modelos internos de funcionamento, que servem de referência para as futuras relações afetivas (Möller et al., 2015).

Nas comparações relativamente ao género das crianças, não foram observadas diferenças significativas em termos de ansiedade, mas registaram-se tendências em algumas dimensões afetivas e parentais, que o menino em média tem níveis ligeiramente superiores de rejeição e menor comunicação parental (Russell et al., 1998). Embora a diferença não tenha atingido a significância estatística, observa-se uma tendência em linha com a literatura que sugere que o género da criança pode moldar a forma como os cuidadores manifestam, o afeto e aplicam o controlo parental. As investigações anteriores apontam que, particularmente no caso dos filhos do sexo masculino, os pais tendem a adotar uma postura mais diretiva e menos expressiva do ponto de vista emocional, o que reflete normas culturais que associam a masculinidade à autonomia, firmeza e contenção emocional, em detrimento da sensibilidade e da comunicação afetiva (Eisenberg et al., 1998; Bögels & Phares, 2008). Assim, os cuidadores ajustam o seu comportamento às expectativas ao género, oferecendo frequentemente menos suporte emocional e maior exigência comportamental aos rapazes, enquanto demonstram maior sensibilidade e comunicação afetiva com as raparigas. Esta

diferenciação, ainda que subtil, pode influenciar o desenvolvimento emocional e o padrão de vinculação das crianças, evidenciando a relevância de considerar o género como uma variável moderadora nas relações parentais (Möller et al., 2015).

Relativamente às análises referentes às crianças, constatou-se que a dimensão afeto–comunicação manteve um efeito positivo e significativo, reforçando a importância da qualidade emocional das interações no fortalecimento da vinculação. Por outro lado, a rejeição paterna apresentou um efeito negativo e significativo, demonstrando que a percepção de rejeição por parte do pai compromete o sentimento de segurança e a estabilidade emocional da criança. Estes resultados estão em consonância com estudos que destacam a relevância do envolvimento paterno sensível e afetuoso na formação de vínculos seguros. A inexistência de efeitos significativos das variáveis de ansiedade parece indicar que o impacto emocional dos cuidadores na vinculação infantil poderá depender mais da qualidade das práticas relacionais do que da presença isolada de sintomas ansiosos (Grossmann et al., 2002).

As análises de regressão múltipla permitiram compreender a contribuição das variáveis sociodemográficas e emocionais na vinculação e nos estilos parentais. A idade da criança mostrou-se um preditor significativo, sugerindo que o aumento da idade está associado a maior maturidade emocional e capacidade de estabelecer vínculos mais seguros. Este resultado converge com a literatura que aponta que, ao longo do desenvolvimento, as crianças adquirem maior autonomia emocional e competências regulatórias. Por outro lado, a idade do adulto e o género da criança não se revelaram preditores significativos, o que reforça a ideia de que as variáveis relacionais e emocionais exercem maior impacto do que as características demográficas (Thompson, 2016).

Numa perspetiva reflexiva, apesar de não terem sido encontradas relações estatisticamente significativas entre as principais variáveis em estudo, a problemática mantém elevada relevância teórica e clínica. A ausência de significância não invalida a pertinência dos constructos analisados, uma vez que a ansiedade parental continua a ser amplamente reconhecida como um elemento central nas dinâmicas familiares, influenciando o afeto, o estilo parental e o desenvolvimento emocional infantil. Os resultados obtidos podem indicar que os efeitos da ansiedade parental se expressam de forma complexa, dependente de variáveis mediadoras, como a resiliência familiar, a qualidade da comunicação conjugal ou o suporte emocional disponível. Deste modo, o presente estudo contribui para uma visão mais aprofundada e contextualizada das interações entre ansiedade, afeto e práticas parentais, reforçando a importância de compreender a complexidade dos contextos familiares e as diferenças individuais que os caracterizam.

As principais limitações, destaca-se o tamanho reduzido da amostra, que pode ter limitado o poder estatístico e a deteção de relações mais subtis entre as variáveis. Além disso, a natureza transversal do estudo impossibilita estabelecer relações causais, restringindo a compreensão dos mecanismos temporais entre a ansiedade parental e as dimensões relacionais. A utilização exclusiva de medidas de autorrelato constitui também uma limitação, uma vez que está sujeita a enviesamentos de desejabilidade social e de percepção subjetiva. Outro aspeto a considerar prende-se com a homogeneidade sociodemográfica da amostra, que pode não representar a diversidade de contextos familiares e culturais existentes. Futuras investigações poderiam beneficiar da inclusão de medidas observacionais, da análise de pares mãe-pai de forma comparativa, e de um desenho longitudinal, de modo a captar as flutuações da ansiedade parental e o seu impacto ao longo do desenvolvimento da criança.

Referências

- Aboim, S., & Wall, K. (2002). Tipos de família em Portugal: interações, valores, contextos. *Análise Social*, 37(163), 475–506.
<https://doi.org/10.31447/AS00032573.2002163.05>
- Agbangba, C. E., Aide, E. S., Honfo, H., & Kakai, R. G. (2024). On the use of post-hoc tests in environmental and biological sciences: A critical review. *Heliyon*, 10(3), e25131.
<https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2024.e25131>
- Ainsworth, M. D. S. (1967). Infancy in Uganda: infant care and the growth of love.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. N. (2015). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Psychology press.
<https://doi.org/10.4324/9780203758045>
- Ainsworth, M. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American psychologist*, 46(4), 333. <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.46.4.333>
- An, D., & Kochanska, G. (2021). Estilos de apego materno e paterno e controle assertivo de poder: associações indiretas por meio de representações parentais. *Journal of family psychology: JFP: periódico da Divisão de Psicologia Familiar da Associação Americana de Psicologia* . <https://doi.org/10.1037/fam0000930>

- Almeida, D. F. S. (2023). A influência dos estilos parentais nos comportamentos de externalização e internalização de crianças e jovens: o papel mediador do autocontrolo (Master's thesis, Universidade do Porto (Portugal)).
- American Psychological Association. (2023). *Anxiety*. In *APA Dictionary of Psychology*. <https://dictionary.apa.org/anxiety>
- American Psychiatric Association. (2022). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed., text rev.; DSM-5-TR). American Psychiatric Publishing.
- Ainsworth, M. D. S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Lawrence Erlbaum Associates
- Bandura, A. (1982). Self-efficacy mechanism in human agency. *American psychologist*, 37(2), 122. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.37.2.122>
- Bahmani, T., Naseri, N., & Fariborzi, E. (2022). Relação de abuso infantil parental com base em estilos de apego, estilos parentais e vícios parentais. *Current Psychology (New Brunswick, NJ)*, 1-15. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-02667-7>
- Bradt, J., & Dileo, C. (2014). Music interventions for mechanically ventilated patients. *Cochrane database of systematic reviews*, (12). <https://doi.org/10.1002/14651858.CD006902.pub3>
- Baumrind, D. (1966). Efeitos do controle parental autoritativo no comportamento infantil. *Desenvolvimento Infantil*, 37 (4), 887–907. <https://doi.org/10.2307/1126611>
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1), 43–88.

Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child development*, 83-96.

<https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1984.tb00275.x>

Bögels, S. M., & Brechman-Toussaint, M. L. (2006). Family issues in child anxiety:

Attachment, family functioning, parental rearing and beliefs. *Clinical Psychology Review*, 26(7), 834–856. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2005.08.001>

Bögels, S. M., & Phares, V. (2008). Fathers' role in the etiology, prevention and treatment of child anxiety: A review and new model. *Clinical Psychology Review*, 28(4), 539–558.

<https://doi.org/10.1016/j.cpr.2007.07.011>

Bowlby, J. (1942). The influence of early environment in the development of neurosis and neurotic character. *The Psychoanalytic Review (1913-1957)*, 29, 81.

Bowlby, J. (1946). Forty-four juvenile thieves; their characters and home-life.

<https://doi.org/1948-05046-000>

Bowlby, J. (1969/1982). Attachment and loss: Vol. 1. Attachment. Basic Books.

Bronfenbrenner, U. (1979). Contexts of child rearing: Problems and prospects. *American psychologist*, 34(10), 844. <http://doi.org/10.1037/0003-066X.34.10.844>

Busato, P., Garbín, R. R., Santos, C. N., Paranhos, L. R., & Rigo, L. (2017). Influence of maternal anxiety on child anxiety during dental care: cross-sectional study. *Sao Paulo Medical Journal*, 135(02), 116-122. [https://doi.org/10.1590/1516-](https://doi.org/10.1590/1516-3180.2016.027728102016)

[3180.2016.027728102016](https://doi.org/10.1590/1516-3180.2016.027728102016)

Carneiro, J. (2023). Estilos Parentais [Tese de Mestrado, Universidade do superior de Serviço Social do Porto]. Repositório Comum. <https://comum.rcaap.pt/home>

- Canavarro, C. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psychologica*, 16(1), 5-18.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (ASS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 156.
<https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.381>
- Canavarro, C., & Pereira, A. I. (2007a). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P. *Teoria, investigação e prática*, 2, 271-286. https://www.aidep.org/03_ridep/R24/R2410res.pdf
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007b). A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 24(2), 193-210.
- Canavarro, C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (ASS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 156-186.
<https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.381>
- Cassibba, R., Coppola, G., Sette, G., Curci, A., & Costantini, A. (2015). The transmission of attachment across generations: The state of art and new theoretical perspectives. *Psicologia Clinica dello Sviluppo*, 19(1), 151-170.
- Correia Dos Santos, A., & Silva, D. (1997). Adaptação do State-Trait Anxiety Inventory (STAI)-form Y para a população portuguesa: primeiros dados. *Revista Portuguesa de Psicologia*, (32), 85-98. <https://doi.org/123456789/51>

Crugnola, C. R., Ierardi, E., Ferro, V., Gallucci, M., Parodi, C., & Astengo, M. (2016).

Mother-Infant Emotion Regulation at three months: The role of maternal anxiety, depression and parenting stress. *Psychopathology*, 49(4), 285–294.

<https://doi.org/10.1159/000446811>

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). *Parenting style as context: An integrative model.*

Psychological Bulletin, 113(3), 487-496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>

Domitrovich, C. E., & Bierman, K. L. (2001). Parenting practices and child social

adjustment: Multiple pathways of influence. *Merrill-Palmer Quarterly*, 47(2), 235–263.

<https://doi.org/10.1353/mpq.2001.0010>

Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Spinrad, T. L. (1998). *Prosocial development.* In W. Damon

& N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional, and personality development* (5th ed., pp. 701–778). Wiley.

Favez, N., Frascarolo, F., Scaiola, C., Corboz-Warnery, A., & Fivaz-Depeursinge, E. (2011).

The role of the father within the family alliance: The father's representation and contribution to the triadic interactions. *Infant Mental Health Journal*, 32(1), 28–48.

<https://doi.org/10.1002/imhj.20281>

Finnegan, R. A., Hodges, E. V. E., & Perry, D. G. (1996). Preoccupied and Avoidant Coping

during Middle Childhood. *Child Development*, 67(4), 1318.

<https://doi.org/10.2307/1131702>

Follan, M., & Minnis, H. (2010). Forty-four juvenile thieves revisited: from Bowlby to

reactive attachment disorder. *Child: care, health and development*, 36(5), 639-645.

<https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2009.01048.x>.

- Foley, W., & Radl, J. (2024). Parenting Practices and Children's Cognitive Effort: a laboratory study. *The Journal of Early Adolescence*.
<https://doi.org/10.1177/02724316241250062>
- Gomes, C. A. V. (2008). O afetivo para a Psicologia Histórico-Cultural: considerações sobre o papel da educação escolar. <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2021v13n32p75-94>
- Graf, S., Murray, R., Frei, A., Detoledo, L., Wood, S., Morisod, M., Moser, D., Urban, S., & Schechter, D. (2025). O Papel Moderador do Processamento de Contexto na Transmissão Intergeracional do Estresse Pós-Traumático. *Journal of Trauma & Dissociation* , 26, 292-309. <https://doi.org/10.1080/15299732.2025.2450417>
- Grolnick, W. S., & Pomerantz, E. M. (2009). Issues and challenges in studying parental control: Toward a new conceptualization. *Child Development Perspectives*, 3(3), 165–170. <https://doi.org/10.1111/j.1750-8606.2009.00099.x>
- Hakhmigari, M. K., Peled, Y., Krissi, H., Levy, S., Molmen-Lichter, M., & Handelzalts, J. E. (2021). Anxious attachment mediates the associations between early recollections of mother's own parental bonding and Mother–Infant bonding: a 2-Month Path Analysis model. *Frontiers in Psychiatry*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.682161>
- Hastings, P. D., & De, I. T. (2008). Parasympathetic regulation and parental socialization of emotion: Biopsychosocial processes of adjustment in preschool children. *Social Development*, 17(2), 211–238. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00426.x>
- Hedman, L., Van Ham, M., & Tammaru, T. (2021). Três gerações de transmissão intergeracional do contexto de vizinhança. *Econometria: Modelos de Equação Única e Journal* . <https://doi.org/10.17645/SL.V9I2.3730> .

- Hedman, L., Van Ham, M., & Tammaru, T. (2021). Three Generations of Intergenerational Transmission of Neighbourhood Context. *Econometrics: Single Equation Models eJournal*. <https://doi.org/10.17645/SI.V9I2.3730>
- Hoghugh, M. (2004). Parenting—an introduction. In *Handbook of parenting: Theory and research for practice* (pp. 2-18). SAGE Publications Ltd.
<https://doi.org/10.4135/9781848608160.n1>
- Hudson, J. L., & Rapee, R. M. (2001). Parent–child interactions and anxiety disorders: An observational study. *Behaviour Research and Therapy*, 39(12), 1411–1427
[https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(00\)00107-8](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(00)00107-8)
- Hudson, J. L., & Rapee, R. M. (2004). From anxious temperament to disorder: An etiological model. *Clinical Psychology Review*, 24(7), 715–733.
- Isobel, S., Goodyear, M., Furness, T., & Foster, K. (2018). Prevenção da transmissão intergeracional de traumas: uma síntese interpretativa crítica. *Journal of clinical nursing*, 28 7-8, 1100-1113. <https://doi.org/10.1111/jocn.14735>
- Joas, H. (1981). George Herbert Mead e a “divisão do trabalho”: implicações macrossociológicas da psicologia social de Mead. *Interação Simbólica*, 4 (2), 177-190. <https://doi.org/10.1525/si.1981.4.2.177>
- Kidd, K. N., Prasad, D., Cunningham, J. E., De Azevedo Cardoso, T., & Frey, B. N. (2022). The relationship between parental bonding and mood, anxiety and related disorders in adulthood: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Affective Disorders*, 307, 221–236. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2022.03.069>

- Kim, S., Baek, M., & Park, S. (2021). Associação das Experiências Pais-Filhos com Apego Inseguro na Idade Adulta: Uma Revisão Sistemática e Meta-análise. *Journal of Family Theory and Review*, 13, 58-76. <https://doi.org/10.1111/JFTR.12402>
- Kerns, C. E., Pincus, D. B., McLaughlin, K. A. & Comer, J. S. (2017). Maternal emotion regulation during child distress, child anxiety accommodation, and links between maternal and child anxiety. *Journal of Anxiety Disorders*, 50, 52–59
<https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2017.05.002>
- Kullberg, M., Maciejewski, D., Van Schie, C. C., Penninx, B. W. J. H., & Elzinga, B. M. (2020). Parental bonding: Psychometric properties and association with lifetime depression and anxiety disorders. *Psychological Assessment*, 32(8), 780–795.
<https://doi.org/10.1037/pas0000864>
- Lehrner, A., & Yehuda, R. (2018). Trauma entre gerações e caminhos para adaptação e resiliência. *Trauma psicológico: teoria, pesquisa, prática e política*, 10, 22–29. <https://doi.org/10.1037/tra0000302>
- Liu, L., Qian, J., & Zheng, W. (2024). Anxiety in the family: A five-wave random-intercept cross-lagged panel analysis of dynamic reciprocal associations between father, mother, and child anxiety. *Family Process*. <https://doi.org/10.1111/famp.13044>
- Lipp, N. (1989). Atitudes parentais e o desenvolvimento de resistência ao estresse. *Psicol. reflex. crit*, 91-96. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572013000200002>
- Lyubomirsky, S., King, L., & Diener, E. (2005). The benefits of frequent positive affect: Does happiness lead to success?. *Psychological bulletin*, 131(6), 803.
<https://doi.org/10.1037/0033-2909.131.6.803>

Martins, D. S. (2021). *Escala de Afeto e Comunicação na Relação Pais-Filhos: Estudo das Propriedades Psicométricas em Famílias Com e Sem Risco Psicossocial Associado*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto.

Martins, S. P. (2019). Perceções de pais e profissionais de saúde dos apoios à parentalidade positiva. Um estudo das dimensões e determinantes das necessidades de apoio (Doctoral dissertation, Universidade do Minho (Portugal)).

Marvin, R., Cooper, G., Hoffman, K., & Powell, B. (2002). The Circle of Security project: Attachment-based intervention with caregiver-pre-school child dyads. *Attachment & human development*, 4(1), 107-124. <https://doi.org/107-24.10.1080/1461673025298249>

Moreira, H., Fonseca, A., & Canavarro, M. C. (2020). Parenting stress and parenting styles: How early adversity shapes parental behavior. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 93(1), 92–109
<https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2020.08.004>

Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2017). *The influence of mother–father and mother–child relationships on child and adolescent anxiety*. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 45(5), 973-986.
<https://doi.org/10.1037/a0021021>

Möller, E. L., Nikolić, M., Majdandžić, M., & Bögels, S. M. (2015). Parental anxiety, parenting behavior, and infant anxiety: Differential associations for fathers and mothers. *Journal of Child and Family Studies*, 24(9), 2626–2637.
<https://doi.org/10.1007/s10826-014-0065-7>

- Murray, L., Creswell, C., & Cooper, P. J. (2009). The development of anxiety disorders in childhood: An integrative review. *Psychological Medicine*, 39(9), 1413–1423.
<https://doi.org/10.1017/S0033291709005157>
- McLeod, B. D., Wood, J. J., & Weisz, J. R. (2007). Examining the association between parenting and childhood anxiety: a meta-analysis. *Clinical psychology review*, 27(2), 155–172. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2006.09.002>
- Nascimento, C. R. R. (2001). Relações entre a resposta de ansiedade de pais e mães e a resposta de ansiedade de seus filhos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 18, 17-28.
<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2001000200002>
- Nabavi, R. T., & Bijandi, M. S. (2012). Bandura’s Social Learning Theory & Social Cognitive Learning Theory. *ResearchGate*.
- Neoh, M. J. Y., Carollo, A., Bonassi, A., Mulatti, C., Lee, A., & Esposito, G. (2021). A cross-cultural study of the effect of parental bonding on the perception and response to criticism in Singapore, Italy and USA. *PLoS ONE*, 16(9), e0257888.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0257888>
- Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2024). *Código deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses* (Regulamento n.º 898/2024). Diário da República, 2.ª série, n.º 157, 14 de agosto.
- Pratta, M., & Santos, D. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em estudo*, 12, 247-256.
<https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>

- Reebye, P. (2010). Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications. *Journal of the Canadian Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 19(1), 57.
- Rose, J., Roman, N., Mwaba, K., & Ismail, K. (2017). The relationship between parenting and internalizing behaviours of children: a systematic review. *Early Child Development and Care*, 188(10), 1468–1486. <https://doi.org/10.1080/03004430.2016.1269762>
- Rothenberg, W. A., Ali, S., Rohner, R. P., Lansford, J. E., Britner, P. A., Di Giunta, L., Dodge, K. A., Malone, P. S., Oburu, P., Pastorelli, C., Skinner, A. T., Sorbring, E., Steinberg, L., Tapanya, S., Tirado, L. M. U., Yotanyamaneewong, S., Alampay, L. P., Al-Hassan, S. M. Bacchini, D., Deater-Deckard, K. (2021). Effects of Parental Acceptance-Rejection on Children's internalizing and Externalizing Behaviors: a longitudinal, multicultural study. *Journal of Child and Family Studies*, 31(1), 29–47. <https://doi.org/10.1007/s10826-021-02072-5>
- Rubin, KH, Bukowski, W., & Parker, JG (2006). Interações, relacionamentos e grupos entre pares. *Manual de psicologia infantil*, 3 (5), 619-700.
- Rohner, R. (2016). The warmth dimension: Foundations of parental acceptance–rejection theory. Routledge. <https://doi.org/255729046>
- Sanders, M. R., & Turner, K. M. (2005). Reflections on the challenges of effective dissemination of behavioral family intervention: Our experience with the Triple P—Positive Parenting Program. *Child and Adolescent Mental Health*, 10(2), 55–63. <https://doi.org/10.1111/j.1475-3588.2004.00175.x>

- Sager, A. A., Goodman, S. H., Jeong, J., Bain, P. A., & Ahun, M. N. (2024). Effects of multi-component parenting and parental mental health interventions on early childhood development and parent outcomes: a systematic review and meta-analysis. *The Lancet Child & Adolescent Health*, 8(9), 656–669. [https://doi.org/10.1016/s2352-4642\(24\)00134-2](https://doi.org/10.1016/s2352-4642(24)00134-2)
- Sauder, D. C., & DeMars, C. E. (2019). An updated recommendation for multiple comparisons. *Advances in Methods and Practices in Psychological Science*, 2(1), 26–44. <https://doi.org/10.1177/2515245918808784>
- Szabó, B., Miklósi, M., & Futó, J. (2022). The relationship between parental reflective functioning, attachment style, parental competence, and stress. *European Psychiatry*, 65(S1), S692. <https://doi.org/10.1192/j.eurpsy.2022.1781>
- Syed, M., & McLean, K. C. (2017). Erikson's theory of psychosocial development. <https://doi.org/10.4135/9781483392271.n178>
- Sharkey, P. (2008). A Transmissão Intergeracional do Contexto1. *American Journal of Sociology*, 113, 931-969. <https://doi.org/10.1086/522804>
- Tadayon, R. (2012). Bandura's social learning theory & social cognitive learning theory.
- Thompson, R. A. (2016). Early attachment and later development. *Perspectives on Psychological Science*, 11(2), 217–235.
- Drake, K., & Ginsburg, G. (2012). Family factors in the development, treatment, and prevention of child anxiety. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 15(2), 144–162.

- Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-usf*, 8, 71-79.
- Watson, D., Snyder, C. R., & Lopez, S. (2002). The disposition to experience pleasurable emotional states. *Handbook of positive psychology*, 106-119. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712003000100010>
- Whaley, S. E., Pinto, A., & Sigman, M. (1999). Characterizing interactions between anxious mothers and their children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 67(6), 826–836. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.67.6.826>
- Verissimo, R. (2002). Desenvolvimento psicossocial (Erik Erikson). Porto: Faculdade de Medicina do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/9133>
- Zvara, B., Lathren, C., & Mills-Koonce, R. (2020). Estilo de apego materno e paterno e caos como fatores de risco para o comportamento parental. *Relações familiares*, 69 2, 233-246. <https://doi.org/10.1111/fare.12423>

ANEXOS

Anexo 1

Declaração de consentimento informado

Declaração de Consentimento Informado

Eu, _____, aceito colaborar, como participante, na dissertação com o tema "**Ansiedade Parental pode afetar nos estilos de vinculação, no afeto e nos estilos parentais**" que está a ser desenvolvida com objetivo da obtenção do mestrado em Psicologia Clínica, na Universidade Lusíadas.

Declaro também, que autorizo o meu filho(a) a participar nesta investigação.

Declaro que:

- a) Tenho presente que a participação neste estudo é voluntária, que poderei recusar-me a participar no mesmo ou, caso pretenda participar, posso desistir em qualquer momento do mesmo, sem qualquer prejuízo;
- b) Autorizo o preenchimento individual de questionários e a recolha de dados socio demográficos.
- c) Compreendi que as nossas identidades serão salvaguardadas
- d) Não existem respostas certas ou respostas erradas. Os dados obtidos são totalmente confidenciais e anónimos, destinando-se exclusivamente para fins da investigação

Em caso de dúvida, poderá entrar em contacto através do seguinte endereço de e-mail: 11002523@lis.ulusiada.pt

Local e data: Lisboa, ... / /

Assinaturas: /

A/o participante

A investigadora

(.....)

(Patrícia de Sá)

Anexo 2*Questionário sociodemográfico para os pais***Questionário Sociodemográfico**

1) Quem está a responder ao questionário

Mãe ☐

Pai ☐

Outro: _____

2) Idade do adulto: _____ anos

3) Nacionalidade: _____

4) Situação Civil

Casada (o) /União de Facto ☐

Divorciada (o) ☐

Viúva (o) ☐

5) Nível de escolaridade

Sem escolaridade ☐

4º ano ☐

5º ano ☐

6º ano ☐

7º ano ☐

8º ano ☐

9º ano ☐

12º ano ☐

Ensino Superior ☐

6) Qual é a sua Profissão

7) Qual a região onde vive

Anexo 3*Questionário sociodemográfico para as crianças***Questionário Sociodemográfico**

1) Quem está a responder ao questionário

Masculino ☐

Feminino ☐

2) Idade : _____ anos

3) Nível de escolaridade

5º ano ☐

6º ano ☐

7º ano ☐

8º ano ☐

9º ano ☐

4) Com quem vive

(assinale todas as opções que for preciso)

Mãe ☐

Pai ☐

Irmão ☐

Irmã ☐

Tio ☐

Tia ☐

Avó ☐

Avô ☐

Anexo 4

Pedido de autorização para a utilização do Questionário ansiedade Estado e Traço (STAI-T)

Patrícia <patricia.de.sa30@gmail.com>
para sosantantos ▼

22:40 (há 0 minutos) ☆ 😊 ↩ ⋮

Boa noite dra,

sou aluna do mestrado em psicologia Clínica, venho por este meio pedir-lhe autorização para utilizar o seu questionário da versão adaptada para português (Questionário ansiedade Estado e Traço (STAI-T) para pais e para crianças), para a dissertação como conclusão do grau de mestre.

Obrigada,
Patrícia de Sá

para pais e para crianças

Anexo 5

Pedido de autorização para a utilização do Questionário EMBU-C

Patrícia <patricia.de.sa30@gmail.com>
para mccanavarro@fpce.uc.pt ▼

21/10/2024, 13:21 ☆ 😊 ↩ ⋮

Boa tarde dra. Maria Canavarro,
espero que se encontre bem.

Sou aluna de mestrado em Psicologia clínica e envio-lhe este e-mail para pedir-lhe a autorização na utilização do seu questionário EMBU-C, bem como a sua cotação.

Obrigada,
Patrícia de Sá

Ana Isabel Pereira <aipereira@psicologia.ulisboa.pt>
para mim, mccanavarro@fpce.uc.pt ▼

21/10/2024, 16:03 ☆ 😊 ↩ ⋮

Cara Patrícia

A pedido da Professora Cristina Canavarro envio-lhe o EMBU-C e a respetiva ficha de cotação.

Desejo-lhe muitas felicidades para o seu trabalho.

Os meus cumprimentos,

Ana Pereira

Anexo 6

Pedido de autorização para escala de Vinculação do adulto

Catarina Cardoso <catarinafsc@live.com.pt>
para mim ▼

sexta, 25/10, 11:46 ☆ 😊 ↩ ⋮

Exma. Patrícia de Sá,

Para ter acesso a todas as informações que necessita relativas ao instrumento de avaliação EVA – Escala de Vinculação do Adulto, peço-lhe que aceda ao website do nosso grupo de investigação através do seguinte link: <http://www.fpce.uc.pt/saude/EVA.html>

Peço, também, que confirme a receção do presente email.

Com os melhores cumprimentos,
Catarina Cardoso